

## ELEMENTOS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

---

### 4. — Os Celtas da Lusitania

A raça celtica na península chegou a um certo gráo de organização social, cuja tradição ainda persiste no espirito de independencia local do cantonalismo hespanhol, e da autonomia do pequeno estado de Portugal. Entre o Tejo e os Artabros, segundo Strabão, existiam trinta Gentes; o Conventum Cluniensis era composto, segundo Plinio, de sessenta e oito povos ou Cidades; á Jurisdição de Saragoça pertenciam cento e cincoenta e dois povos; ao Conventum de Lugo, dezeseis povos; os Asturos formavam uma aglomeração voluntaria de vinte e duas cidades, no seculo I da nossa éra; os Ausetani e Ilugotes formavam uma confederação com mais trinta povos; os Vaceos, os Vettones e Celtiberos, estavam subordinados mutuamente a uma liga militar, bem como os Lusitanos ligados pelo accordo dos seus tres chefes militares. Em fim existiam assembleias federaes com poder sobre politica externa, sobre alianças com outros povos, declarações de guerra e tratados de paz,<sup>1</sup> e essas reuniões eram a Vellica ou dos Cantabros e a Asturica. D'estes factos se tiram as seguintes conclusões: primeira, existencia de uma compacta população ibero-celtica fortalecida pela sua organização social, e não podendo desaparecer completamente diante das invasões romanas e germanicas, como

---

<sup>1</sup> Joaquin Costa, *Poesia popular española*, pag. 252 e 254.

parece suppôr Herculano, abandonando a investigação da época celtica; segunda, motivo por que as explorações dos Phenícios foram especialmente pacificas e mercantis, bem como a dos colonos gregos que lhes seguiram o esteiro; terceira, as resistencias habilmente exploradas pelos Carthaginezes contra os Romanos, e a longa demora das guerras pelas quaes a conquista da península levou dois seculos a effectuar; quarta, os elementos de resistencia nacional, na Lusitania, Betica e Celtiberia, aproveitados por Sertorio, e que o tornariam invencivel, se não fosse a traição de Perpenna; esse mesmo espirito de independencia local é que fez com que a península não resistisse á unidade romana, mas suscitou a ruina da sua conquista diante da invasão gothica, e resistiu nas Asturias contra a invasão dos Arabes.

É emfim este individualismo que prepondera na Hespanha feudal, nas algaradas contra os mouros, e nas Irmandades com que as populações pacificas dos burgos garantiam os seus direitos e propriedades. Sem este conhecimento prévio é incomprehensivel a historia das nacionalidades peninsulares e muito menos a de Portugal; o que Agostinho Thierry diz dos historiadores francezes, pôde bem applicar-se á critica dos nossos.<sup>1</sup> Na unidade ethnico-occidental, apparece a rasão das fórmas politicas do Federalismo, na Grecia, na Italia, na Gallia, e na Hispania; na Grecia, era a *amphyctionia*, associação voluntaria dos povos em volta de um mesmo templo, tendo o seu congresso ou synedrio; fôra formada pela necessidade da defeza contra as invasões asiaticas, como a *Liga* acheana fôra formada contra a invasão romana. Os povos italicos resistiram contra a unificação romana, formando confederações, como a dos Sabinos, Latinos, Samnitas e Brutianos; na decadencia do Imperio tornou a apparecer este individualismo politico local na formação das Republicas italianas da Edade-Media, sendo os elementos da confederação italica o Piemonte, a Lombardia, a Venetia, a Romagna e Toscana. O excesso de espirito cantonal embaraça o desenvolvimento das federações italianas de chegarem á expressão da unidade moral da nação, e por isso a Italia ficou escrava sob a unificação politica de Carlos v; este mesmo facto se

---

<sup>1</sup> « Pelo que diz respeito á Historia de França, as diversas invasões das Gallias, as numerosas populações diferentes de origem e de costumes collocadas sobre o mesmo território, a divisão do solo em muitos paizes, emfim a reunião lenta, operada durante seiscentos annos, de todos estes paizes sob um mesmo sceptro, são factos inteiramente desprezados por elles.» *Conquête des Normands*, 1, Intr.

dá na Hespanha, não só na sua resistencia contra Roma, mas na sua unidade monarchica. Thierry falla da civilisação da França meridional como consequencia da sua autonomia politica, e considera que a unificação da França teve como acção immediata uma decadência e retrocesso n'essa cultura. <sup>1</sup> Esta lucta entre a fórma politica do Federalismo, do genio nacional, e a unificação em um grande estado, que dirige toda a historia moderna, explical-a-hemos pela incorporação na unidade imperial romana, cuja tradição reapareceu nas dynastias germanicas. Mas sem esses evidentes elementos da unidade ethnica occidental, os Romanos não podiam implantar o uso da lingua latina, creando-se essa familia dialectal dos idiomas novo-latinos, se não existisse um fundo commum, em que preponderava um mesmo typo syntactico a que os Romanos deram um desenvolvimento litterario. Sem o estudo da occupação celtica não se comprehende este facto, da incorporação e civilisação romana, sobre que se fundaram as nacionalidades modernas.

Os povos antigos reaparecem nos typos e costumes dos povos modernos, como diz Edwards; a preponderancia do elemento celtoligurico no territorio de Portugal, e uma maior quantidade de sangue semita no hespanhol, é d'onde começam a differenciação e antinomias entre estas duas nações, que não foram creadas sómente por conflictos historicos; actuou tambem poderosamente a situação geographica. O ligurio era o Celta maritimo; o povo portuguez apresenta esses dois caracteres fundamentaes: o *genio amoroso*, e o *gosto das aventuras* e expedições maritimas. O sonho das *Illas encantadas* lançou-o na exploração do mar tenebroso, e o ideal de um triumphador vindouro, personificado mais tarde em Dom Sebastião, levou os seus poetas a cantarem o destino de Portugal como o *Quinto Imperio do mundo*. Estas tradições tem raizes ethnicas profundas; Suetonio fallando da elevação de Galba ao imperio, allude ao facto de se dizer que uma virgem cantabrica prophetisára que da Hespanha havia de sahir o dominador de todo o mundo, e que esta prophecia fôra feita duzentos annos e se realisava em Galba. Elle nem era hespanhol; mas o facto tem o grande valor de nos mostrar a proveniencia de uma tradição que ainda persiste entre o povo, na fórma de Sam Thiago ou Sam Jorge, do Cid e de Dom Sebastião. De todas as tradições medievaes, as que prevaleceram em Portugal, quer entre o povo ou na litteratura, foram especialmente as lendas bretãs, porque estavam em o nosso caracter.

---

<sup>1</sup> *Conquête des Normands*, tom. II, 328.

No povo e na litteratura portugueza abundam as tradições celtas, recebidas ás vezes tardiamente, mas com uma predilecção exclusiva. Algumas d'essas tradições chegaram a influir nos destinos nacionaes, como a das *Ilhas encantadas*, que foi o primeiro estímulo do nosso instincto das aventuras marítimas. Da ilha de Avalon (*Islavalon*) falla o Conde Dom Pedro, quando introduziu no seu Nobiliario com character historico as tradições do rei Arthur. Das viagens maravilhosas de San Brendan escreve Azurara na *Chronica da conquista de Guiné*: « Bem he que alguns diziam que passara por ali San Brandam... » (p. 45.) Nas notas á edição de Paris, acrescenta o visconde de Santarem: « Segundo esta tradição, dizia-se que Sam Brendan tinha aportado em um navio no anno de 565 a uma parte da equinocial. Conservou-se esta entre os habitantes da Madeira e da Gomeira, os quaes julgavam vêr a dita ilha ao oéste em certo tempo do anno ».

Na celebre viagem de Rozmital, do principio do seculo xv, acha-se tambem a lenda das viagens maravilhosas em busca de uma ilha encantada; essa ilha veiu mais tarde a ser doada pelos reis portuguezes com o titulo de *ilha que apparecia por vezes*, e de *Sete Cidades* e *Antilia*. Estas tradições não deixaram de influir na concepção do magnifico episodio da Ilha dos Amores, dos *Lusíadas*, e amalgamaram-se em um syncretismo popular na lenda de Dom Sebastião o Encoberto, que hade vir fundar a grandeza de Portugal como Quinto Imperio do mundo.

Duas correntes tradicionaes se encontram ácerca das Ilhas encobertas: uma popular colhida por Leão de Rozmital e que ainda se conserva nas ilhas dos Açores, e outra erudita, derivada do Ms. do seculo xiii, a *Imago Mundi dispositione Orbis*, de Honorio d'Autun, que Azurara conheceu, e dos escriptores classicos, como Platão e Strabão, e principalmente pelo fragmento de Cicero intitulado o *Sonho de Scipião*. Os nossos navegadores foram incitados pelas tradições populares das *Ilhas encobertas*, e os geographos e eruditos fortaleceram este impulso espontaneo com a auctoridade dos escriptores classicos.

Como as legendas maravilhosas das ilhas encantadas, são igualmente importantes as que narram a descida aos infernos, vulgarizadas sob o titulo de *Purgatorio de Sam Patricio*. O barão de Rozmital cita na sua viagem um logar analogo na Galliza conhecido pelo nome de Rochedo de Sam Thiago: « No alto da povoação está situado um templo n'um monte em que prérgava Sam Thiago, e um grande rochedo está junto d'elle, que tem *uma gruta, de entrada difficil*. Chama-se este rochedo de Sam Thiago, porque o santo costumava prérgar n'elle e no templo. Quem entrar n'esta gruta com espirito religioso alcança o perdão de muitos peccados. N'esta

tambem eu estive... João Zehroviense ao entrar n'ella ensanguentou-se e ennegreceu-se a ponto de o tirarmos com difficuldade, pois a entrada era muito apertada. O que vendo o senhor, que tambem n'ella queria entrar, cedeu do seu proposito. Aos que entram n'esta caverna concede o summo pontifice a remissão de muitos peccados. Pois Sam Thiago quando prégava, ao atirarem-lhe os gentios com pedras, costumava refugiar-se dentro d'ella.» Na litteratura portugueza existem duas versões da *Visão de Tundal*, e da viagem de Amaro ao Paraiso, que satisfazem ainda hoje o gosto popular das aventuras. As lendas bretãs de Merlin e da fada Viviana são citadas no grande Cancioneiro da Vaticana, bem como a Mélusina, e a *besta ladrador* da Bretanha; entre o povo conservou-se o gosto das prophecias nacionaes, desenvolvido, desde a perda da nacionalidade portugueza no seculo xvi, pela collaboração dos eruditos que puzeram em voga as theorias politicas da *Monarchia universal*.

Se procurarmos o veio celtico na litteratura portugueza facilmente poderemos enumerar muitos factos, que denotam uma predilecção por assim dizer organica para preferir essas legendas a todas outras influencias poeticas. No Cancioneiro de Angelo Colloci, existem diferentes lais bretãos adaptados á poesia portugueza; o Conde Dom Pedro colligiu no seu Nobiliario a tradição do *Rei Lear*; Dom João I reproduz na hierarchia cavalheiresca da sua côrte o sequito dos companheiros do rei Arthur, e manda traduzir para a lingua portugueza a *Demanda do Santo Greal*, que se conserva ainda inedita na Bibliotheca de Vienna; o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira imita na sua mocidade a virgindade heroica de *Galaaz*; Dom João II, nas festas do paço veste-se á maneira de *Cavalleiro do Cysne*, e na Bibliotheca de seu avô el-rei Dom Duarte, guardavam-se as principaes novellas do Cyclo da Tavola Redonda, como o *Baladro de Merlin*, *Tristão e Galaaz*, ao passo que se não encontra nenhuma das grandes gestas gallo-frankas. No onomastico da sociedade civil do principio do seculo xv, as damas tomam o nome de *Iséa*, (Yseult) de *Genebra*, (Geniwer) de *Briolanja*, de *Viviana*, e os homens chamam-se em geral *Tristão*, *Arthur*, *Lisuarte*. Na constituição da nacionalidade portugueza tivemos relações intimas com a França, mas nem por isso as Gestas penetraram tão profundamente entre o povo como as tradições bretãs no curto intervalo das relações da côrte portugueza de Dom João I com a Inglaterra. Esta circumstancia aparentemente maravilhosa só pôde explicar-se pela persistencia de um grande elemento celtico no povo portuguez.

Tanto os escriptores estrangeiros como os nacionaes distinguem os portuguezes pelo seu caracter amoroso, e a obra mais afamada das litteraturas medievaes, o *Amadis de Gaula*, funda-se sobre es-

se sentimento levado até ao heroísmo da fidelidade. As tradições de João Soares de Paiva, trovador que morre por uma princeza, de Dom Pedro I que corôa Inez de Castro depois de morta, do Beato Amadeu pela imperatriz Dona Leonor, de Bernardim Ribeiro por D. Joanna de Vilhena, de Christovam Falcão, o cantor do *Chrisfal*, por D. Maria Brandão, dos Doze de Inglaterra, de Manuel de Sepulveda por D. Leonor de Sá, de Marianna Alcoforado, a apaixonada auctora das *Cartas da Religiosa portugueza*, da fidelidade de Paulina, que assombrou pela verdade do seu amor o proprio Casa-Nova, que a exalta nas suas *Memorias*, todas estas tradições excedem o que ha de mais extraordinario entre os outros povos. Diante d'este conhecimento não admira que os escriptores nacionaes formulassem com tanto acerto esta característica. El-rei Dom Duarte no *Leal Conselheiro* diz: «em geral os mais de todos os portuguezes som leaes e de boôs corações;»<sup>1</sup> e Gil Vicente, fallando dos portuguezes na tragicomedia das *Côrtes de Jupiter*, accentúa: «São extremos nos amores.»<sup>2</sup> Na *Comedia Eufrosina*, Jorge Ferreira de Vasconcellos define admiravelmente este genio amoroso: «E não me negueis ser esta a principal inclinação portugueza e d'esta lhe veiu a cavalheirosa opinião de primor que tem sobre todos ess'outros, e estimarem as mulheres sobre todos... como atilado, gentil, galante e nobre esposo, compadece todos os effeitos do amor puro, não consinte mal em sua dama, não soffre vêr-se ausente d'ella, busca de noite e de dia onde e como a veja, queria sempre estar com ella, emmagrece com cuidados e má vida, muda toda a má condição em boa, queima-se por dentro em pensamentos, que humilde representa em lagrimas e suspiros, signaes de verdadeira dôr. Em todo seu querer unido e conforme com o d'ella, constante em sua fé e chamá sempre em suas affrontas, como a alcança nunca a deixa até á morte e assi a faz senhora de si mesmo; não pretende proveito, salvo o d'ella peio qual commette fouto todos os perigos; nem dormindo perde d'ella lembrança, antes n'isso se deleita, determinando viver e morrer com ella, se desespera mata-se ou faz extremos mortaes, tudo isto e muito mais se acha no bom portuguez, de sua natural constellação apurado no amor...»<sup>3</sup> Aproximando d'esta ultima phrase de Jorge Ferreira o que Cervantes diz dos portuguezes, que era «*quasi costume morrerem de amor*»<sup>4</sup> vêmos que esta característica fundamental ainda subsiste, como no seculo XVI e XVII. O suicidio

<sup>1</sup> *Leal Cons.*, pag. 218.

<sup>2</sup> *Obras*, t. II, pag. 415.

<sup>3</sup> *Eufrosina*, act. V, sc. 5.

<sup>4</sup> *Historia de Persilles y Sigismunda*.

é uma doença contagiosa em Portugal, e nas camadas populares e na mocidade é exclusivamente por amor. A nostalgia é também uma doença privativa do gallego e do portuguez insular. Nas *Epanaphoras da Historia portugueza*, escreve D. Francisco Manuel de Mello: «o nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso...»<sup>1</sup> Os Hespanhoes o confessaram pela bocca dos seus maiores genios; Lope de Vega na sublime comedia de *Dorothea* diz com uma ingenuidade encantadora: «Eu, senhora, tenho olhos de criança, e alma de portuguez.» E Vicente Espinel, no *Escudero Marcos de Obregon* deixa este traço: «namorava a todas como um portuguez.» Madame de Sevigné, respondendo a uma carta sentimental, receia tornar-se uma portugueza: «il me parle de son cœur à toutes lignes; si je lui faisais reponse sur le même ton, ce serait une Portugaise.»<sup>2</sup> Balzac personificava a paixão desvairada no typo ideal do portuguez Ajuda-Pinto.<sup>3</sup> Edgar Quinet, nas *Vacances en Espagne*, descreve as portuguezas como irmãs da *Sacuntala*, assim apaixonadas e tristes; e Camões explicava a metaphysica do lyrismo portuguez pelo gosto que as mulheres sentiam com um conceito de Petrarcha ou de Garcilasso. De facto o lyrismo portuguez distingu-se por este exaltado subjectivismo, sem analogia entre nenhuma das litteraturas modernas; as *Folhas cahidas* de Garrett, as *Flôres do Campo* de João de Deus, algumas das elegias de Soares de Passos, e como phenomenos de recorrencia ethnica no lyrismo brasileiro, os versos de Alvares de Azevedo, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, exprimem o mais que a alma humana pôde sentir na linguagem a mais communicativa.<sup>4</sup> As Canções populares, a quadra improvisada, os despiques de conversados, os fados plangentes, a cantiga solta, são cheias de expressões profundissimas de verdade, relampagos para dentro do mundo moral, revelações subjectivas que não derivam de uma especulação mental mas de uma passividade inconsciente; são como vozes da natureza, desde o cicio até á tempestade. E n'esta poesia do amor os poetas e o povo entendem-se instinctivamente, porque os fidalgos dos seculos XIII e XIV introduziram nos seus Cancioneiros a corrente tradicional das serranilhas, e esta seiva organica da inspira-

<sup>1</sup> Ob. cit., pag. 286.

<sup>2</sup> Lettre 162, de 19 de julho de 1671.

<sup>3</sup> Victor Le Clerc, fallando da imitação das aventuras das epopéas cavalleirescas em Portugal, contrapõe-lhe a nossa originalidade característica: «Mas o mesmo seculo e o mesmo paiz legaram á posteridade outras aventuras mais patheticas e menos fabulosas, como a de Inez de Castro.» *Etat des Lettres au XIV<sup>e</sup> siècle*, 3<sup>me</sup> part., p. 15, t. II.

<sup>4</sup> Vid. o *Parnaso portuguez moderno*, passim.

ção não foi desconhecida dos grandes lyricos portuguezes, como Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Camões, Francisco Rodrigues Lobo, Dom Francisco Manuel de Mello, Thomaz Antonio Gonzaga, João de Deus, e especialmente os brazileiros. É o amor o grande thema da litteratura portugueza, e a propria epopêa nacional dos *Lusiadas* foi creada pelo «amor do ninho seu paterno», como Camões o confessa com simplicidade. É por isso que todos somos poetas n'uma certa idade; poetas e soldados como Camões, Diogo do Couto, Heitor da Silveira; um grande numero conserva a paixão da poesia nas luctas parlamentares, como Garrett, nas especulações mathematicas, como José Anastacio da Cunha, no meio dos trabalhos anatomicos, como Soares Franco, e até na cadeira de ministro. A Inglaterra sob o seu utilitarismo selvagem não comprehendendo a existencia de uma nação de poetas, chama-nos por isso uma *nação desprezivel*.

THEOPHILO BRAGA.

# THEORIAS HISTORICAS

## E ESCÓLAS LITTERARIAS NO BRAZIL

---

### I

Todo e qualquer problema litterario ha de ter no Brazil duas faces principaes: uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento humano e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo mundo e outra que deve verificar o que póde ser applicado ao nosso paiz.

A litteratura no Brazil, a litteratura em toda a America, é um processo de adaptação de ideias européas ás sociedades do continente. Esta adaptação nos tempos coloniaes foi mais ou menos inconsciente; hoje tende a tornar-se comprehensiva e consciente. Da imitação tumultuaria, do antigo servilismo mental, queremos passar á escolha, á selecção litteraria e scientifica. A darwinisação da critica é uma realidade tão grande quanto o é a da biologia.

A poderosa lei da concurrencia vital por meio da selecção natural, a saber, da adaptação e da hereditariedade, é applicavel ás litteraturas, e á critica incumbe comproval-a pela analyse dos factos.

A hereditariedade representa os elementos estaveis, estaticos, as energias das raças, os dados fundamentaes dos povos; é o lado nacional nas litteraturas. A adaptação exprime os elementos moveis, dynamicos, humanos, transmissiveis de povo a povo; é a face ge-

ral, universal das litteraturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensaveis, ambas productos naturaes do meio physico e social.

Tal é a razão por que todo poeta, todo romancista, todo dramaturgo, todo critico, todo escriptor brasileiro de nossos dias tem a seu cargo um duplo problema e ha de preencher uma dupla função: deve saber do que vai pelo mundo culto, isto é, entre aquellas nações européas que immediatamente influenciam a intelligencia nacional, e incumbe-lhe tambem não perder de mira que escreve para um povo que se fórma, que tem suas tendencias proprias, que póde tomar uma feição, um ascendente original. Uma e outra preocupação são justificaveis e fundamentaes. Se é uma cousa ridicula a reclusão do pensamento nacional n'umas pretensões exclusivistas, se é lastimavel o spectaculo de alguns escriptores nossos atrazados, alheios a tudo quanto vai de mais palpitante no mundo da intelligencia, não é menos desprezível a figura do imitador, do copista servil e fatuo de toda e qualquer bagatella que os paquetes nos tragam de Portugal, ou de França...

Para que a adaptação de doutrinas e escólas européas ao nosso meio social e litterario seja fecunda e progressiva, é de instante necessidade conhecer bem o estado do pensamento do velho mundo e ter uma ideia nitida do passado e da actualidade nacional.

Eis o grande problema, eis o ponto central de todas as tentativas de reformas entre nós, e eis por onde eu quizera que comesassem todos os portadores de novos ideaes para o Brazil, todos os transplantadores de novas philosophias, de novas politicas, de novas escólas litterarias.

E é o que não vejo, é o que ainda não se fez.

Não é mais do que ter lido por acaso Zola, ou Daudet, ou Rollinat, o que é o caso de poucos, porque o troço immenso de nossos *litteratores* ainda não passou de alguns auctores secundarios!... não é mais do que lêr um ou outro d'estes estrangeiros e atirar com elles á cara do paiz, como se tudo estivesse feito!...

Estas cousas não são faceis como á vadiagem lettrada apraz suppôr. Por isso, nunca é demais proceder de vez em quando a rapidos exames de consciencia e vêr a quantas andamos no meio das mutações fugaces e rapidissimas do espirito contemporaneo.

Se fosse aqui o logar apropriado, poder-se-hia dizer alguma cousa das diversas theorias da historia do Brazil, e, pelo estudo d'este problema, comprehender a successão das escólas litterarias entre nós <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Pretendo tratar detalhadamente d'este ponto em trabalho especial.

Indicarei sómente os lados mais salientes do assumpto.

As principaes theorias da historia do Brazil são a de Martius, a de Buckle, a de Theophilo Braga, a de Oliveira Martins, a dos discipulos de Comte e a dos sectarios de Spencer. Ficam ahí enumeradas em sua ordem chronologica.

O celebre botanista bávaro Carlos Frederico Philippe de Martius preparou em 1843 uma dissertação sob o titulo — *Como se deve escrever a historia do Brazil* <sup>1</sup>.

N'esse pequeno trabalho, um dos mais interessantes que temos lido devido a pennas estrangeiras sobre o Brazil, Martius abriga-se ao grande principio moderno das nacionalidades, colloca-se n'um ponto de vista ethnographico e indica em traços rapidos os diversos elementos do povo brasileiro. Os selvagens americanos e os seus costumes e aptidões psychologicas, os negros africanos e seus habitos, os portuguezes e suas vantagens de gente civilisada, tudo isto deve ser interpretado escrupulosamente; porque de tudo isto é que sahio o povo brasileiro.

É exacto; resta apenas que se nos diga como é que estes elementos actuaram uns sobre os outros e produziram o resultado presente.

Em uma palavra, a theoria de Martius é puramente descriptiva; ella indica os elementos; mas falta-lhe o nexo casual, e isto seria o principal a indicar-nos. É uma concepção incompleta.

O afamado auctor da *Historia da Civilisação na Inglaterra*, apparecida em 1857, occupou-se do Brazil, detalhadamente. <sup>2</sup> H. T. Buckle, como é sabido, divide as civilisações em primitivas e modernas, predominando n'aquellas a acção das leis. physicas sobre o homem, e n'estas sendo o inverso a verdade.

As civilisações antigas desenvolveram-se nos paizes onde as condições de vida eram faceis, nas peninsulas, á margem dos grandes rios, onde eram abundantes o calor e a humidade. Só o Brazil para o philosopho inglez abre uma excepção á regra; por causa dos ventos *alizios*, das *chuvas torrencias*, dos *miasmas*... que tornam aqui a natureza superior ao homem!

D'ahí, para o escriptor britannico, umas tantas cousas, e, entre outras, a falta de uma civilisação primitiva brasileira e ainda hoje, segundo a sua expressão, o nosso *inveterado barbarismo*...

<sup>1</sup> Vem publicada na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, n.º 24, de janeiro de 1845.

<sup>2</sup> Vide *History of Civilisation in England*, vol. I, pag. 101 a 107, edição de Londres de 1872. Nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, fui o primeiro a refutar os erros de Buckle sobre o Brazil.

Esta doutrina, além de ser falsa na descripção geral do clima brasileiro, é em demasia exterior; é cosmologica de mais. Em sua pretenciosidade de explicar puramente pela physica do globo as civilizações primitivas e actuaes, é incompleta e esteril. Ainda quando a determinação das condições mesologicas do Brazil fosse exacta, e absolutamente não o é, havia uma distancia e não pequena a preencher: a acção do meio nas raças para aqui immigradas, leva-da a tomar certa e determinada direcção, forçosa e fatalmente, e não outra qualquer. É um circulo vicioso; explica-se o clima pela civilização e a civilização pelo clima. Ahí ha lacuna; atiram-nos phrases ao rosto, suppondo que nos encham a cabeça de factos.

Theophilo Braga não teve por alvo consciente escrever uma theoria da historia do Brazil; fez uns reparos sobre a marcha litteraria do paiz e nada mais. É no prologo do *Parnaso Portuguez Moderno*, reproduzido ampliadamente nas *Questões de Litteratura e Arte Portugueza*.<sup>1</sup> Braga acredita que o lyrismo da Europa meridional teve uma origem commum. Esta fonte geral foram populações *turanas*, descidas da alta Asia, divididas em dous grandes grupos, um que fez viagem pelo norte da Europa e outro que a fez através da Africa, vindo ambos convergir ao sul da Europa.

Na America deu-se uma semelhante marcha de povos *turanianos*. A brachycephalia do basco francez e a dolycocephalia do basco hespanhol provam o facto para a Europa. A supposta dolycocephalia das raças da America do Norte e a pretendida brachycephalia geral das da America meridional demonstram o phenomeno para o novo continente. Tudo isto é muito largo e tambem muito aventureoso; póde ser tudo uma immensa verdade; mas não está nada provado; assenta em presumpções e acha-se mesmo em desacordo com factos demonstrados.

A hypothese de Theophilo Braga, d'antes em parte formulada por Varnhagen, para ser accepta, deveria justificar os seguintes factos:

a) O *monogenismo* das raças humanas e sua origem commum na Asia, o que não é nada facil no estado actual da sciencia e deante justamente dos trabalhos de Paulo Broca, que o escriptor portuguez chama ás vezes em seu auxilio;<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> *Questões de Litteratura e Arte Portugueza*, de pag. 48 a 80. — O artigo é de 1877.

<sup>2</sup> Vide na *Revista de Anthropologia* de Broca os admiraveis trabalhos sobre o *monogenismo* e *polygenismo* das raças humanas, e sobre a *hybridação*. Broca é um polygenista.

b) A *veracidade* da triada de M. Müller — que os povos do mundo se dividem em *aryanos*, *semitas* e *turanos*, empreza difficil ante a linguistica das raças urano-altaicas, polynesias, africanas e americanas ;

c) A *emigração dos turanos* para a America ;

d) A *reducção* dos povos d'este continente a esse ramo unico ;

e) A *ausencia* entre as tribus do Brazil d'aquelles conhecimentos *metallurgicos* e *astronomicos* que passam pelos caracteres mais notaveis da civilisação turana ;

f) Emfim demonstrar a *identidade* do desenvolvimento das raças americanas e asiaticas, um impossivel a olhos visto.

Antes que se haja feito o que ahi indicamos, tudo o que se disser sobre a these do *asiatismo* dos povos americanos é pintar n'agua, ou escrever na areia. É a mais antiga de todas as theorias sobre a origem dos americanos. Resente-se de influencia biblica.

« A America, diz o homem que melhor conheceu a pré-historia do Brazil — o dr. Lund, a America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horizonte do velho mundo, e os povos que n'essa remotissima época habitavam n'ella eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento ahi habitavam.

Estes dous resultados na verdade pouco se harmonisam com as ideias geralmente adoptadas sobre a origem dos habitantes d'esta parte do mundo ; pois que, quanto mais se vai afastando a época do seu primeiro povoamento, conservando ao mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vai-se desvanecendo a ideia de uma origem secundaria ou derivada. » <sup>1</sup>

O sabio Lund prosegue, provando com as suas descobertas archeologicas, a differenciação cada vez mais crescente entre os povos brasileiros primitivos e as raças chamadas mongolicas, á medida que afastamo-nos dos tempos modernos.

Desapparecem assim o velho estribilho d'uma pretensa cultura dos povos do Brazil, que por immensas catastrophes retrogradaram, segundo se affirma, e a enfadonha these do mongolismo, *ces ridicules robinsonades*, como disse um sabio europeu.

O encontro d'um ou outro artefacto ceramico, mal estudado no valle do Amazonas, é um factio isolado, muito diverso do que devia dar-se no resto do paiz ; é antes de tudo um factio explicavel pela proximidade da civilisação do Perú, ou da America Central, ou das Antilhas.

<sup>1</sup> Revista do Instituto, n.º 23, de outubro de 1844.

Quanto distava a sobriedade do grande Lund da afoiteza charlatanesca d'uns prelociosos nossos conhecidos, que andam aqui no Brazil a dizer que os tupys eram os *carios*, ou os *normandos*, ou os *phenicios*, ou os *mongoes*, e não sei mais que povos que colonisaram a America!

É possível uma certa intermittencia na arte entre os povos amazonenses, phenomeno cem vezes repetido no curso da historia de todas as artes. O que prova isto? O turanismo? Uma velha civilisação brasileira? Absolutamente não <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os estudos scientificos sobre as raças americanas começam apenas no Brazil. Reduzem-se por ora a pequenos trabalhos sobre crancologia, linguistica e archeologia artistica e industrial. Não existem ainda factos demonstrados, os materiaes são mesmo ainda limitadissimos; entretanto, já temos duzias de theorias para explicar a origem dos tupys-guaranys!...

Eu não quero contestar um tal ou qual conhecimento pratico de nossos pretendidos *savants* sobre um ou outro assumpto referente aos selvagens; mas é tal a falta de senso critico, tal a ignorancia dos modernos processos de linguistica, de ethnographia, de mythographia, etc., tal a incapacidade philosophica de alguns d'esses *savants*, que os seus escriptos merecem ir para o fogo. Appellam para os chinezes, para os polynesios, para os japonezes, os tartaros, os carios, os egypcios, os phenicios, os normandos, os judeus, o diabo para filiiarem os pobres tupys... Andam á cata de theorias como Paturot á busca da fortuna... Querem uniformisar tudo, buscar para tudo um similar no velho mundo. Uma boa interpretação dos factos levalos-hia por certo a conclusões diversas.

Acabariam com a mania de reduzir a um typo unico as raças americanas, e ao mesmo tempo veriam n'ellas um producto d'este solo; comprehenderiam melhor a semi-cultura antiga do valle do Amazonas, sua filiação á cultura identica dos caraibas das Antilhas, e tantos outros factos simples em si e obscurecidos por phantasiosos systemas. Uma das marchas migratorias dos antigos povos americanos que parecem mais esclarecidas actualmente, é a d'uma corrente de norte a sul, partindo das Antilhas, das costas da America Central e da actual republica de Venezuela, e chegando ao interior do Brazil, estacionando vastamente no valle do Amazonas. O estudo comparativo das antiguidades das Antilhas e da região do Amazonas demonstrará definitivamente o facto.

No valiosissimo escripto de Otis F. Mason, inserto no *Annual Report of the Smithsonian Institution*, do anno de 1876, sobre as antiguidades de Porto-Rico, immensos são os pontos de contacto entre os productos alli descriptos e aquelles que se encontram no Pará.

Despertam especial menção os amuletos representando animaes, figuras humanas, etc., fabricados de materias diversas, e especialmente d'uma pedra verde, semelhante ao *jade*, of *green jadelike material*, diz o dr. Mason. Não serão as *muylakitans* do Amazonas? Dentro mesmo da America acham-se os elementos para a explicação do que se encontra ao norte do Brazil. Desprezemos d'uma vez as theorias que recordam o velho babilicismo.

Concedendo, porém, tudo, admitindo a identidade das origens do lyrismo portuguez e tupinambá, como quer Theophilo Braga, o que d'ahi se poderá inferir para a philosophia da historia brasileira?

Nada. A these do notavel escriptor portuguez é puramente litteraria e não visa a uma explicação scientifica de nosso desenvolvimento social.

Oliveira Martins em seu livro — *O Brazil e as colonias portuguezas* — enxerga todo o interesse dramatico e philosophico da historia nacional na lucta entre os jesuitas e os indios d'um lado e os colonos portuguezes e os negros de outro. Um semelhante dualismo é em grande parte de pura phantasia, e, no que tem de real, não passa d'um factio isolado, de pouco valor e duração, phenomeno cedo esvaecido, que não pôde trazer em seu bojo, como um segredo de fada, toda a latitude da futura evolução do Brazil. É um simples incidente de jornada, alçado á categoria de principio geral e dirigente; é uma d'estas syntheses futeis com que certos novellistas da historia gostam de nos presentear de vez em quando.

A theoria do positivismo religioso sobre a nossa historia é mais generica e comprehensiva. Fallo em positivismo *religioso*, porque elle se me antolha o unico exacto, logico e inteiro. O comtismo é aquillo, ou não é nada.

O schisma de Littré foi esteril, illogico e anarchico.

O digno escriptor estava por certo no direito de ir com o mestre até onde quizesse ou pudesse; o que não tinha era o direito de ridicularisal-o. Eu não sou positivista; acho o comtismo um systema atrazado e compressor, que faz uma figura apoucada ao lado do associonismo inglez e do naturalismo allemão. Si de Comte sahiram Littré e Laffitte, de Darwin destacaram-se Spencer e Hæckel, e eu não vacillo na escolha; mas julgo que a seita dos *orthodoxos* é superior á dos outros.

Pelo menos, são aqui muito mais activos, mais profundos, mais disciplinados.

Comte não escreveu directamente sobre o Brazil; seus sectarios nacionaes — Teixeira Mendes e Annibal Falcão desenvolveram o que elles chamam a *theoria da patria brasileira* <sup>1</sup>.

Meu plano n'este rapido trabalho não exige a exposição deta-

---

<sup>1</sup> Vide de Teixeira Mendes — *A patria brasileira*, Rio de Janeiro 1881. De Annibal Falcão — *Formula da civilização brasileira*, no *Diario de Pernambuco*, n.ºs 46 a 50, de 1883.

lhada das vistas contidas nos escriptos citados d'esses dous esperançosos moços. Basta-me resumir. A nação brasileira é uma patria colonial, pertencente ao grupo das patrias *occidentales*. Logo ao sahir da lucta hollandeza, o Brazil reunia em si as condições d'uma patria: solo continuo, governo independente e tradições communs. O destino brasileiro pôde formular-se assim: «o prolongamento americano da civilisação iberica, a que cada vez mais se assimilação, até reunificação total, os indios e os negros inportados, ou os seus descendentes».

Na guerra hollandeza venceu definitivamente o elemento iberico, representante da civilisação latina; d'est'arte o Brazil escapou á acção dissolvente da reforma, do deismo, e está em melhores condições para adoptar a doutrina *regeneradora* do que os Estados Unidos, por exemplo. É isto em essencia.

O que é verdadeiro não é novo, e o novo não é verdadeiro. Que o Brazil é uma ex-colonia, que é do grupo das nações filiadas á civilisação occidental, e que tem as condições indispensaveis a uma nacionalidade, ou ellas sejam — solo continuo, governo e tradições communs, como quer Comte, ou recordações e esperanças communs e a vontade decidida de viver debaixo das mesmas leis e partilhar os mesmos destinos, como ensina Renan, ou communhão de raça, de religião, de lingua e de territorio, como escreve Scherer, que ao Brazil cabe tudo isto já nós o sabemos antes das demonstrações recentissimas. Que a guerra hollandeza foi um phenomeno notabilissimo; que alli triumphou Portugal com a civilisação catholico-latina contra a Hollanda e a civilisação germanico-protestante, e que n'essa epopéa os colonos brasileiros viram-se quasi sós, desamparados da mãe-patria; que na lucta entraram as tres raças; que as duas chamadas inferiores devem ser incorporadas á nossa vida social, de tudo isto sabia-se no Brazil, desde que houve alguém que se lembrasse de escrever-nos a historia. Tudo isto é velho, velhissimo.

Mas a necessidade indeclinavel de haver na America representantes da civilisação iberica e a superioridade indiscutivel d'esta sobre a civilisação germanica, é o que não me parece de todo evidente.

A indispensabilidade d'esse dualismo historico, representante na Europa de duas tendencias oppostas, devendo necessariamente reproduzir-se na America, é muito symetrica de mais para não ser em grande parte de pura phantasia.

Era necessario para as patrias *occidentales* que o portuguez vencesse no Brazil o hollañez *protestante* e que o inglez derrotasse nos Estados Unidos o francez *catholico*!...

É muito commodo. E a final, porque se não ha de dar o mes-

mo na Oceania em geral e notadamente na Australia, onde o elemento germanico quasi não encontra o seu competidor? São terras novas, habitadas por selvagens a desaparecerem a olhos vistos, que estão sendo colonisadas por europeus, representantes da civilização occidental. Porque não se ha de repetir o dualismo salutar?

A theoria da historia d'um povo parece-me que deve ser ampla e comprehensiva, a ponto de fornecer uma explicação completa de sua marcha evolutiva. Deve apoderar-se de todos os factos, firmar-se sobre elles, fornecer o segredo do passado e abrir largas perspectivas na direcção do futuro.

Seu fim não é mostrar o que esse povo tem de commum com os outros; sua obrigação é ao contrario exhibir os motivos das originalidades, das particularidades, das diferenciações d'esse povo no meio de todos os outros. Não lhe cumpre só dizer, por exemplo, que o Brazil é o prolongamento da cultura portugueza a que se ligaram vermelhos e negros. Isto é muito descarnado e secco; resta-nos ainda saber como estes elementos actuaram e actuarão uns sobre os outros e mostrar as causas de selecção historica que nos vão afastando de nossos antepassados ibericos e de nossos visinhos tambem filiados á velha cultura iberica. Se a theoria de Buckle é em demasia cosmographica, a de Martius demasiado ethnologica, a dos discipulos de Comte é em extremo social, sem attender a outros elementos indispensaveis.

A philosophia da historia d'um povo qualquer é o mais temeroso problema que possa occupar a intelligencia humana. São conhecidas as difficuldades quasi insuperaveis dos estudos sociologicos. Uma theoria da evolução historica do Brazil deveria elucidar entre nós a acção do meio physico por todas as suas faces com factos positivos e não por simples phrases feitas; estudar as qualidades ethnologicas das raças que nos constituíram; consignar as condições biologicas e economicas em que se acharam os povos para aqui emigrados nos primeiros tempos da conquista; determinar quaes os habitos antigos que se estiolaram por inuteis e irrealisaveis, como órgãos atrophiciados por falta de funcção; acompanhar o advento das populações cruzadas e suas predisposições; descobrir assim os habitos e tendencias recentes que foram despontando os novos incentivos de psychologia nacional que se iniciaram no organismo social e determinaram-lhe a marcha futura. De todas as theorias propostas a de Spencer é a que mais se aproxima do alvo por mais lacunosa que ainda seja <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Semelhante interpretação biologico-psychologica da historia à la Darwin, nós a adoptamos na *Litteratura brasileira e a critica moderna*, nos

## II

E o que tem isto com as nossas escolas litterarias? Toda a relação. Tal o ponto central do presente escripto.

A lei que rege a historia brasileira é a mesma que dirige a de qualquer outro povo: a evolução transformista. Por maior que seja a cegueira dos imitadores e a precipitação dos copistas e plagiarios, sempre a litteratura brasileira não é uma cousa que lhes pertença exclusivamente e que possam atirar para o *Chiado* ou para o *Levante*, conforme lhes vier á estultice. Apesar de tudo um povo é sempre o factor principal de sua vida e de sua litteratura. Podem os politicos ineptos e os escrevinhadores madraços desviar-o de seu caminho, cedo ou tarde encontrará a larga estrada de suas tendencias naturaes.

Ponhamo-nos a par dos inilludiveis e magestosos problemas scientificos e litterarios que se degladiam no velho mundo; mas premunamo-nos contra as imitações trapentas, contra as theses charlatanescas, os erros bojudos com pretensões a verdades demonstradas. Sobretudo robustecemos o nosso senso critico e ponhamol-o em condições de resistir á febre devoradora de innovações inconscientes e banaes.

Nosso seculo já está desilludido de fórmulas, aprendamos a final qual o valor d'ellas.

A receita é facil: factos e mais factos, bom senso e mais bom senso.

Qualquer de nós os ultimos chegados conhece por certo alguns exemplares vivos dos nossos velhos classicos, velhos romanticos e novos realistas. Como não é ridicula para os espiritos comprehensivos a velha teima de algum raro letrado nacional, affirmando obstinadamente, rancorosamente, com a bocca aberta entre pontegudos collarinhos, o pescoço enrolado no classico lenço de seda, nos dedos a infallivel pitada, as excellencias unicas das *cantatas* do Garção e das *odes* do Philinto? Do velho systema, que foi levado de vencida e hoje alimenta apenas as lucubrações dos toptos e desmemoriados, a defeza obstinada quando a lêmos contra o ro-

mantismo nos escriptos de 1820 a 30 nos provoca o riso...

D'elle restam apenas as obras immortaes, as obras primas dos homens de genio: as apologias insensatas enjoam-nos.

Mesmissimo é o caso do romantico amortecido e embriagado das fumaças de 1830, ainda hoje sonhando com as walkyrias, as fadas, as castellãs medievas; ainda hoje pallido sonhador á *Manfredo* ou á *Rolla*, pobre tolo de comedia que nos arrebeta de riso... Entretanto é mui para vér a segurança, a infallibilidade do pontifice do *prologo de Cromwel*, esse lastimoso acervo de phrases turgidas e aereas que não lêmos hoje sem um sorriso de mofa.

Da enfatuada escôla os programmas sexquipedaes molestam-nos a mais não poder. Restam-lhe as raras inspirações sérias e profundas, tudo o mais esvaeceu-se...

E entretanto cada uma d'estas formulas, ao nascer, annunciava a litteratura definitiva. O mesmo temos estado a presenciar nos ultimos vinte annos com a successão do romantismo.

Não menos de quatro systemas teem surgido esguedelhados a proclamarem a litteratura absoluta: o *satanismo*, com as suas coleras affectadas, suas maldições caricatas, seu pessimismo de almanach, suas tolices emfim; o *parnasismo*, com seus versos escovados, suas descripções de paizes que não vira, suas theogonias pantafaçudas, suas orientalidades idiotas, seu tom d'um prophetismo de necromante; o *scientificismo* poetico, vacillando entre as triagas descriptivas de Julio Verne e as tafularias psychologicas de Sully Prudhomme e André Lefèvre, scientificismo productur d'uma poesia de contrafacção com seus problemas indigestos, suas theses pretenciosas e prosaicas, uma poesia de compendio em summa; a final o *naturalismo*, de escarpello em punho, farejando pustulas para as romper, ou alvas pernas para as apalpar, para as beijar; com suas verdades e seus exaggeros, com suas bellas pinturas e suas *sensações novas*, com suas bagatellas, seus erros, seus dispartes, quando manejado pelos tolos e mediocres; com suas descripções brilhantes, suas analyses finas, seu grande sopro de realidade, quando architectado pelos Daudets e Zolas.

Eis ahi: — Baudelaire, Lécomte de Lisle, Sully Prudhomme, mestres dos tres primeiros systemas, estão mortos e ultrapassados. Zola e Daudet, chefes do ultimo, estão em todo o vigor do talento e abriram caminho por todo o mundo. É que estes são romancistas e aquelles eram poetas.

Porque é que a reforma prosperou no romance e tem sempre abortado na poesia? A natureza intima das duas artes, das duas manifestações litterarias o explica: o romance é um producto *sui generis*, que pôde vacillar entre a sciencia e a phantasia, entre a demonstração d'um facto e a improvisação imaginosa; a poesia, ao

contrario, tem um terreno especial e seu; quando entra a aproximar-se da sciencia, perde-se na prosa e na vulgaridade.

O romance pôde-se dizer um producto recente, quasi de nosso seculo de observação; a poesia é uma filha das éras primitivas, que se vai tornando cada vez mais rara, e vendo cada vez mais restricto o seu terreno. A poesia deve sempre ser a expressão de um estado emocional, subjectivo, intimo; o romance deve ser o estudo physiologico dos caracteres sociaes. A poesia é como a musica, é vaga e não deve ser submettida a exigencias demonstrativas. Eis porque todos os formuladores de theses, quando passam á experiencia, nada fazem de aproveitavel; é sempre uma poesia de *arrière pensée* premeditada, mettida n'umas japonsas doutrinarias, sem espontaneidade, sem limpidez, sem effusão, sem graça, uma cousa terrivel em summa.

Eis porque não nos devemos muito enthusiasmar com as quatro soluções que aprendemos recentemente de França. Se tomarmos a defeza opiniatica e obstinada de semelhantes doutrinas, provisionarias como tudo que é obra da evolução humana, correremos o perigo de fazer a figura do velho classico ou do velho romantico, o pedante desfructavel que deixámos atraz pintado.

E, todavia, não julgo extinctas na humanidade as fontes da poesia. As novas intuições que determinaram a nova phase do pensamento humano, podendo dar pasto ao romance e ao drama analyticos, bem poderão aproveitar as syntheses, as largas visualidades, os sentimentos generosos e altruistas, as expansões intimas, em formular uma poesia séria, energica, ampla, entusiasta; uma poesia de todas as grandes emoções que experimentamos na lucta gigantesca e terrivel da civilização moderna.

Uma poesia sem catecismos rhetoricos, sem as pequenas receitas que os pretensos reformadores nos teem querido impingir; mas uma poesia em que se valem todas as luctas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutações em summa da alma moderna. Tenhamol-a tambem no Brazil.

Rio de Janeiro — abril de 1883.

SYLVIO ROMÉRO.

# ATHEISMO INCONSCIENTE <sup>1</sup>

---

## II

### Ideias innatas

Aniquilada a asserção gratuita da ideia universal de Deus, está por sua natureza arruinada a outra, de que era um dos fundamentos. Se ha povos n'um estado de atheismo natural, como acabamos de vêr, deixa de poder ser innata a ideia de Deus; e a tal pretendida faculdade religiosa, que distinguia o homem dos outros animaes, na opinião dos theologos e dos metaphysicos, some-se como fumo perante esta larga parte do genero humano, em que não se encontram vestigios de qualquer religião ou ideia sobrenatural. Ao mesmo tempo cae tambem pela base a divisão fundamental entre o reino animal e o supposto reino humano, para o homem ir occupar o logar que lhe pertence na escala hierarchica dos organismos, como um dos ramos dos mammiferos ao lado dos macacos anthropoides.

O que dá ao homem a preeminencia na hierarchia biologica, não é qualquer faculdade especial de que elle seja o unico possuidor, mas sim a sua maior dignidade animal, na phrase de Jussieu, isto é, o seu maior desenvolvimento organico, ou, melhor, o grau mais elevado da sua evolução psychica. A perfeição ou a complexidade do systema nervoso estabelece a taxinomia zoologica, distinguindo-se na ordem ascendente pela motilidade, impressionabilidade, sensibilidade e intelligencia; a vida consciente só pertence ás cellulas

---

<sup>1</sup> Vid. pag. 156.

nervosas mais perfeitas ou que soffreram uma serie mais extensa de modificações. A escala seriaria das especies animaes indica-nos o caminho seguido pela humanidade no seu desenvolvimento. A embryologia e a evolução individual desde a vida fetal até á idade adulta comprovam a evolução fundamental do genero humano. As cellulas nervosas, que foram no principio um simples centro de reacções motoras, reflexas e inconscientes, receberam mais tarde impressões dolorosas ou agradaveis e ainda posteriormente registraram e accumularam as sensações delicadas e complexas, de cujo conflicto brotou a intelligencia. O organismo aperfeçoou-se, pouco a pouco, reagindo pura e simplesmente contra as excitações exercidas sobre elle pelos agentes exteriores; isto é, adaptou-se ás condições successivas do meio, tendendo a conservar e a augmentar as modificações pela hereditariedade. Entre o homem e os animaes ha pequenas transições, rapidas differenças dos mesmos phenomenos psychicos, das mesmas propriedades e faculdades moraes e mentaes. Quizeram os theologos e os espiritualistas que os animaes fossem dirigidos pelo instincto, ao passo que a vontade ou o desejo era uma faculdade exclusiva do homem. A sciencia, porém, já demonstrou que é erronea semelhante distincção. Todos os actos instinctivos foram provavelmente voluntarios na sua origem; pela continuação, pela frequencia, pela transmissão de paes a filhos adquiriram uma regularidade automatica, proveniente da permanencia ou da continuidade das emoções, que originariamente provocaram uma reacção voluntaria. Mas em que consiste essa reacção voluntaria? «Quando crémos realisar um acto voluntario, diz Lannessan, não executamos, na realidade, senão um acto de que temos consciencia, isto é, de que conhecemos mais ou menos as causas determinantes e as consequencias; mas este acto executa-se fatalmente; elle não é senão a resultante necessaria de excitações exteriores ou interiores sobre os elementos anatomicos que são postas em jogo pela sua realisação <sup>1</sup>». O instincto é um habito transmittido por hereditariedade, é uma acção reflexa accumulada, conforme a opinião de Herbert Spencer <sup>2</sup>. Darwin fornece-nos provas incontrroversas d'esta verdade na sua *Viagem em volta do mundo*; passaros e outros animaes, cuja timidez é bem conhecida de todos, tanto no nosso continente, como nos paizes aonde o homem tem chegado com o seu poder destruidor, encontram-se confiados e inte-

---

<sup>1</sup> *Le Transformisme* (vol. III da *Bibl. Matérialiste*), pag. 117. •

<sup>2</sup> *Principes de psychologie*. Vid. Charlton Bastian, *Le cerveau et la pensée. L'homme*.

mentes nas regiões que ainda não foram exploradas. As aves e os pequenos mammiferos não fugiam do homem quando Cowley visitou, em 1684, o archipelago de Galapagos; no seculo actual, Darwin constatou uma transformação nos viventes d'esse archipelago, operada decerto pela introdução da caça. A timidez veio naturalmente á proporção que a experiencia lhes fez vér no homem o seu maior inimigo <sup>1</sup>. Como se deduz d'este e de muitos outros factos, que é escusado recordar, não é radical, como pretendiam os antigos, a differença entre o instincto e a vontade; o organismo reage sobre o meio d'onde recebe as sensações e as impressões, quer por um movimento raciocinado e consciente, quer por um movimento automatico adquirido pelo habito ou pela hereditariedade.

Os sentidos são a fonte de todos os conhecimentos; os homens não divergem n'isto dos animaes, apenas se separam d'elles pelo mais alto grau de perfeição a que podem elevar as suas faculdades moraes e intellectuaes. E ainda assim nem todos os homens se podem erguer á mesma altura. Os selvagens e as creanças pouco ou nada differem dos animaes superiores, pelo que se refere á potencia intellectual. Ha mesmo algumas vezes differença a favor d'estes. Hæckel observa que muitos povos selvagens não sabem contar senão até dez ou vinte, emquanto que cães intelligentes aprendem a contar até quarenta e mesmo até sessenta <sup>2</sup>. De ordinario, os selvagens não possuem o poder mental da abstracção; só concebem ideias concretas e materializadas. Tambem por isso o seu modo de vér apresenta uma intuição da realidade que se aproxima mais dos phenomenos naturaes, do que as mais bellas especulações metaphysicas. As creanças estão em condições identicas; quando nascem não trazem noções de especie alguma; é, pouco a pouco, com o decorrer do tempo, que o seu cerebro vai accetando e relacionando as manifestações concretas da natureza que lhes ferem os sentidos e que as impressionam fortemente. Só muito mais tarde podem accomodar no seu intellecto as ideias abstractas que lhes ministram as mães e os preceptores. Não ha, portanto, ideias innatas, noções estranhas ao conhecimento obtido pela observação ou pela experiencia. Já para Locke as ideias innatas eram simples chimeras, e d'Holbach, que tinha a mesma opinião, affirmou «que o homem ao vir ao mundo não possui senão a faculdade de sentir, e que o seu modo de sentir é o verdadeiro *crite-*

---

<sup>1</sup> Darwin, *Voyage autour du monde*, pag. 427-9. Cf. ainda outras passagens d'este excellente volume.

<sup>2</sup> *Histoire de la creation*, pag. 647.

*rium*, ou a unica regra de seus julgamentos ou de seus sentimentos moraes sobre as acções ou sobre as causas que se fazem sentir por elle, verdade tão palpavel, que é bem para surprehender que haja homens a quem se tenha ainda de o provar<sup>1</sup>». Com sobeja razão escreve Hæckel: «Cada conhecimento tem por origem primaria uma percepção sensual. Objecta-se, é certo, com os conhecimentos innatos no homem, os conhecimentos chamados *à priori*; mas a doutrina darwiniana permite demonstrar... que estes conhecimentos chamados *à priori* foram adquiridos *à posteriori*, e provéem, em ultima analyse, da experiencia. Conhecimentos provenientes originariamente de percepções puramente empiricas e derivadas por consequente de experiencias puramente sensuaes, mas tendo de particular que foram adquiridas por uma serie de gerações parecem ser, nas ultimas gerações vindas, noções independentes, innatas, adquiridas *à priori*. Todas as noções chamadas *à priori* foram formadas *à posteriori* pelos nossos antigos antepassados animaes; depois, tendo sido transmittidas pouco a pouco por hereditariedade, tornaram-se noções *à priori*. Em ultima analyse, têm por base experiencias, e nós podemos demonstrar claramente pelas leis da hereditariedade e da adaptação, que na especie, as noções *à priori* não differem essencialmente das noções *à posteriori*. Vamos mais longe e dizemos que a experiencia sensual é a fonte de todos os conhecimentos<sup>2</sup>». Hæckel resolve assim com lucidez o problema. Todas as ideias, todas as noções, todos os principios, por mais abstractos ou por mais erroneos que sejam na realidade, foram na sua origem obtidos *à posteriori* e derivados frequentes vezes de uma observação incompleta ou de uma experiencia feita em más condições. A sua transmissão de gerações em gerações dá-lhes o character de conhecimentos innatos ou *à priori*, que actualmente parece distinguil-os. E dizemos *parece*, porque na maior parte dos casos a hereditariedade fornece apenas uma tendencia accentuada em certas direcções, que não se manifestaria sem ser provocada pela educação dos primeiros annos. Mesmo entre os povos mais civilizados, onde a religião attingiu a phase monotheista, a ideia de Deus não surgiria decerto no cerebro humano, apesar de todas as disposições hereditarias, se não fosse inculcada na infancia pela mãe ou pela pessoa que dirige a educação das creanças. Uma prova d'este facto é a asserção do reverendo Kerr, testemunha insuspeita como ecclesiastico, que disse conhecer por experiencia propria, que em

<sup>1</sup> *La Morale universelle*, tom. I, prefacio.

<sup>2</sup> *Histoire de la creation*, pag. 29 e 30.

Liverpool e mesmo em alguns bairros occidentaes de Londres, ha muita gente sem a ideia de Deus <sup>1</sup>. Não ha assim ideias innatas, nem o homem possui uma faculdade essencialmente religiosa, como pretendem os theologos.

São admiravelmente preciosas e verdadeiras estas palavras de Broca: «A maior parte, a immensa maioria dos homens, não tem senão uma religiosidade passiva, que consiste pura e simplesmente em crêr o que se lhe diz sem ter necessidade de comprehender, e esta religiosidade não é quasi sempre senão um resultado da educação. Desde a mais tenra idade, a creança é educada no meio de certas crenças; accommodam a ellas o seu espirito antes que esteja em estado de discutir e de raciocinar. Nenhuma intelligencia pôde subtrahir-se á acção d'este ensino combinado e aperfeiçoado desde seculos. A creança submete-se sempre e muitas vezes de uma maneira definitiva. Crê sem exame, porque ainda não é capaz de examinar, porque, para todas as noções, religiosas ou outras, acata cegamente a auctoridade de seus mestres. Nada ha em tudo isto que possa revelar-nos a existencia de uma faculdade, de uma aspiração particular <sup>2</sup>». E mais adiante: «Em resumo, a religiosidade não é uma faculdade particular, não é um dos elementos constitutivos e essenciaes da nossa natureza; é um estado do espirito que se manifesta, favorecido pelas circumstancias e que falta não só a certos individuos, mas a povos inteiros». Esta verdade não pôde ser contestada com fundamento, como crêmos ter demonstrado.

TEIXEIRA BASTOS.

---

<sup>1</sup> Letourneau, *Science et matérialisme*, pag. 126.

<sup>2</sup> *Bulletins de la société d'anthropologie*, 1866.

## ESTUDOS BOTANICOS

---

Guiada pelo seu systema defeituoso de investigação, nunca a antiga philosophia conseguiu formular um unico principio de alguma importancia ou chegar ao estabelecimento d'uma verdade incontestavel.

Em sciencia alguma se nota tanta discussão, tanta rivalidade entre as escólas, e comtudo de tanto movimento nunca sahio um progresso notavel.

A causa d'este mal deve forçosamente encontrar-se no methodo de investigação seguido; e, de facto, desde que se dizia, como Fichte, que a philosophia, tornando-se completamente independente da experiencia e da observação, poderia chegar a deduzir a organisação da mais humilde planta, bem como os movimentos dos corpos celestes, da base fundamental e simples do saber, — desde que punham assim de parte a observação da natureza para se entregarem pura e simplesmente aos devaneios da phantasia, era bem natural que transformassem a philosophia n'um simples jogo de palavras vãs e ócas de sentido.

Hoje, porém, as tendencias realistas e positivas da época, pondo de lado as extravagancias da metaphysica, proclamaram a experiencia e a observação como os mais sólidos fundamentos da sciencia e da philosophia.

Todas as sciencias tem sido profundamente transformadas pelo novo methodo empregado no seu estudo.

As antigas concepções mais ou menos phantasiosas cahiram

diante da mais ligeira observação, sendo substituídas pelas modernas hypotheses e theorias, que se apresentam como o fructo d'essa mesma observação.

A theoria dos cataclysmos ou revoluções bruscas do globo, exposta por Cuvier, foi substituída por outra mais verosimil, a da transformação lenta e contínua sob a influencia de leis, que ainda hoje lentamente operam.

Á antiga ideia de que os séres que povoaram o mundo nas suas diferentes épocas nenhum parentesco tinham entre si, foi hoje contraposta essa outra ideia de que todos os séres sahiram uns dos outros por uma evolução bem caracterisada e que perfeitamente se explica pelas leis da adaptação, selecção natural, lucta para a existencia, hereditariedade, etc.

Este conjunto de leis fórma a theoria evolucionista, que hoje occupa na sciencia um dos primeiros lugares pela explicação cabal que nos fornece da grande complexidade d'uma parte dos phenomenos da natureza.

Entretanto não podemos deixar de reparar que todo este progresso consistiu apenas no desenvolvimento e aperfeiçoamento de ideias que nós vamos encontrar em germen em alguns dos antigos philosophos, d'aquelles que mais observaram a natureza e ideias que não poderiam de modo algum n'essa época ter uma precisão verdadeiramente scientifica, mas que nem por isso deixam menos de transparecer claramente em seus escriptos.

Em que consiste, pois, a theoria da evolução?

Ouçamos Hæckel definil-a:

« A theoria geral da evolução, ou theoria da progénese, no seu mais lato sentido, e como concepção philosophica do universo, sustenta que na natureza inteira existe um grande processo evolutivo, unico, continuo e eterno, e que todos os phenomenos da natureza, sem excepção, desde o movimento dos corpos celestes, e da queda d'uma pedra, até ao crescimento da planta e á consciencia do homem, tem lugar em virtude d'uma só e mesma lei de causalidade; que, n'uma palavra, tudo se reduz á mecanica dos atomos ».

Os atomos são, como geralmente se sabe, particulas tenuissimas e indivisiveis de substancia, que pela sua reunião constituem a materia.

É a Leucippe que devemos os primeiros lineamentos d'esta ideia, que foi aperfeiçoada por Democrito e tornada já bastante acceptavel por Epicuro, que suppoz os atomos dotados de movimento d'onde, segundo elle, resultavam os diferentes modos de aggregação e as differenças dos corpos.

Por muito tempo abandonada, foi esta hypothese estudada de novo por Gassendi e por Dalton que a generalisaram e lhe deram um

sentido bastante preciso a ponto de a transformarem n'uma solida theoria scientifica.

Segundo ella o universo compõe-se d'uma infinidade d'atomos pequenissimos, inalteraveis e eternos, separados uns dos outros e em perpetuo movimento de attracções e repulsões, dotados de affinidades differentes, de cuja diversidade resultam os seus diversos agrupamentos.

Estes agrupamentos, quer formados d'uma só especie d'atomos, como nos corpos simples, quer de varias especies, como nos corpos compostos, manifestam um grande numero de propriedades de cujo estudo se encarregam duas sciencias, a physica e a chimica.

Um certo numero d'essas propriedades apresenta uma resultante das suas manifestações parciaes, resultante que não é outra cousa mais do que esse phenomeno complexo a que se tem dado o nome de *vida*.

Essas propriedades a que me refiro, são a nutrição, o crescimento, a reproducção, a propriedade chlorophylliana, a mobilidade, e innervação, que no todo ou em parte se encontram nos corpos vivos.

Occupar-nos-hemos apenas dos vegetaes, e para que o estudo d'essas propriedades n'este grupo dos séres vivos possa ser proveitoso, não devemos ir surprehendel-as nos organismos superiores, mas observal-as nos proprios elementos constitutivos d'esses organismos, pelo que nos vêmos forçados, — antes de começar esse estudo — a descer armados do microscopio, á profundeza dos órgãos das plantas, e ahí descobrir a organização anatomica d'estes séres.

## I

### ORGANISAÇÃO ELEMENTAR DOS VEGETAES

Considerando á simples vista as differentes especies do reino vegetal, desde o mais tenue bolôr até ás arvores das nossas florestas, notamos em todas ellas uma grande variedade de fórmãs, e d'aquí concluímos uma grande variedade na sua estructura.

Se empregarmos, porém, n'este estudo o microscopio, surprehende-nos a grande simplicidade e uniformidade desde os typos mais inferiores até aos mais altamente collocados na série.

Com o auxilio d'este precioso instrumento reconhecemos que a substancia, que compõe a maior parte do corpo dos vegetaes é for-

mada de pequenas vesículas ou saccos completamente fechados, que n'um córte, se nos mostram como cavidades semelhantes aos alveolos dos favos das abelhas. Aprofundando, porém, mais as nossas observações, e augmentando o poder ampliador do microscopio, reconhecemos entre os alvéolos das abelhas e as cavidades da substancia dos vegetaes uma profunda differença, pois que em quanto nos primeiros essas cavidades se acham praticadas na espessura da massa cirosa do favo, na segunda são pequenos corpos esfericos, ou quasi esfericos, dotados de paredes proprias, que reunindo-se em massa, formam elles proprios a substancia dos vegetaes.

Estes pequenos corpos esfericos receberam, pelo aspecto particular, que apresentam, o nome de *cellulas*.

Foi uma das primeiras descobertas devidas ao microscopio a da construcção cellular do corpo das plantas, realisada por Hooke no meado do seculo xvii.

Notaveis trabalhos e investigações têm posteriormente confirmado e completado esta descoberta, a ponto de hoje se poder concluir com toda a segurança que todas as outras partes do organismo vegetal, que não têm a apparencia de cellulas, essas mesmas não são mais do que fórmas derivadas da primitiva fórma cellular.

Todos os materiaes empregados na construcção do corpo dos vegetaes, reduzem-se, pois, a uma simples formação ou elemento primordial — a cellula.

Muitos vegetaes são formados unicamente por uma cellula; no principio da vida todos elles, ainda os mais superiores, não são mais do que uma simples cellula, que multiplicando-se por diversos modos, dá lugar á formação de todos os tecidos constituintes dos órgãos do individuo adulto.

Segundo a theoria cellular de Schleiden e Schwann, o corpo de qualquer sér vivo, animal ou vegetal, é uma cellula ou um aggregado de cellulas, e n'estes ultimos a vida não é mais do que a somma das vidas parciaes das differentes cellulas de que o corpo se compõe.

A cellula é, pois, um sér vivo porque cresce e se reproduz, e n'ella se dá a troca de substancia com o mundo exterior. Cessando essa troca a cellula morre.

Todo este movimento vital depende do *protoplasma*, substancia albuminoide, que enche completamente a cellula, e envolve na sua massa um pequeno corpo espherico, o nucleo. A cellula vegetal é revestida d'uma membrana de substancia hydrocarbonada, chamada *cellulose*.

Este elemento representa, porém, já um estado elevado na senda da evolução; uma cellula é uma pequena esphera de materia

albuminoide, revestida ou não d'uma membrana e contendo sempre um nucleo formado por differenciação do protoplasma central.

Ha um outro elemento anatomico mais inferior, em que não existe o nucleo, é o *cytode*. É esta a primeira fórma da materia organisada: são assim as *monéras*, esses organismos sem órgãos, de que descendem, bifurcando-se, os dous ramos, um que passando por todas as fórmas animaes, chega a final aos mammiferos superiores e ao homem; o outro que passando por todos os grãos da série vegetal, chega emfim ás especies mais superiores das phanogamicas, as angiospermas.

O primeiro passo dado pela monéra (*cytode*) na senda evolutiva, é a formação d'um nucleo, simples condensação physica das moleculas centraes, pelo que subindo assim na escala dos séres, fica já sendo uma cellula.

Em virtude dos modernos aperfeiçoamentos realizados na theoria cellular, mostra Hæckel a necessidade de dar a estes elementos primordiaes chamados até aqui cellulas, o nome de *plastideos*, que segundo elle se classificam em dous grupos conforme têm ou não nucleo central, chamando aos privados d'elle *cytodes* e aos outros *cellulas*. Cada um d'estes grupos ainda se divide em outros dous, segundo são completamente nús, ou revestidos d'uma membrana externa.

|                      |   |                             |   |                              |
|----------------------|---|-----------------------------|---|------------------------------|
| Plastideos . . . . . | { | sem nucleo — cytodes . . .  | { | primitivos ou gymnocytodes.  |
|                      |   |                             | } | com membrana ou lepocytodes. |
|                      | } | com nucleo — cellulas . . . | { | primitivas ou gymnocytas.    |
|                      |   |                             | } | com membrana ou lepocytas.   |

As lepocytas nascem dos cytodes com membrana pela formação do nucleo, ou das cellulas primitivas pela formação da membrana; as cellulas primitivas nascem dos gymnocytodes pela differenciação do nucleo central; os lepocytodes provém dos cytodes primitivos por espessamento da camada plasmatica superficial.

O cytode primitivo, a fórma primordial, provirá de geração espontanea? Isto, que ainda hoje não é um facto provado, póde tal-

vez admitir-se, comtudo, como uma hypothese bastante provavel.

O elemento principal da cellula, e que foi para Hugo Mohl objecto de minuciosos estudos, é aquelle a que este botanico deu o nome de *protoplasma*, querendo indicar a substancia organisada, que existe antes de todas as outras partes da cellula e as fórma a todas successivamente.

Nas cellulas novas é constituido por uma substancia molle, de aspecto gelatinoso incolor, cheia de granulações.

A sua composição chimica é bastante complexa e relativamente pouco conhecida; é uma mistura de substancias albuminoides e de substancias mineraes, entre as quaes se encontra a agua, saes de potassio, ferro, calcio, etc.

Goza d'uma elasticidade e contractilidade muito pronunciadas, o que se reconhece collocando cellulas vivas n'uma substancia ávida d'agua, como por exemplo a glycerina. Bem depressa uma corrente exosmotica se fórma entre o protoplasma da cellula e a glycerina, terminando esta por roubar áquelle toda a agua interposta, e obrigando-o a contrahir-se para o centro da cavidade cellular.

Se de novo deixarmos o protoplasma embeber-se d'agua, dilata-se, e volta a occupar a sua primitiva posição.

Estas propriedades são condições essenciaes aos movimentos que o protoplasma effectua, movimentos, que dependem da sua estrutura molecular, segundo o modo de vêr de Hofmeister e J. Sachs.

As moleculas do protoplasma exercem umas sobre as outras grandes attracções, e tendem por isso a collocar-se de modo que os seus centros de gravidade estejam o mais proximo possivel uns dos outros, o que conseguem desde o momento em que ellas se encontrem pelos seus menores diametros, isto em vista da fórma angulosa e crystallina, que apresentam.

Por outro lado esta tendencia nunca póde ser completamente satisfeita em vista das attracções que se dão entre estas moleculas e as moleculas d'agua interpostas.

Mais ainda, sendo as moleculas do protoplasma polarizadas, como admite Sachs, offerecem fortes tendencias a encontrarem-se pelo seu maior diametro.

A resultante de todas estas attracções póde ser tal que as moleculas se equilibrem, em virtude do equilibrio muito admissivel das forças que as solicitam, equilibrio que póde romper-se á mais pequena predominancia de qualquer d'ellas.

Uma molecula em movimento, communica-o ás outras, e d'este modo o protoplasma inteiro se encontra em movimento.

Esta theoria de Hofmeister, diz Lanessan, tem de importante

que ao mesmo tempo que permite explicar os movimentos do protoplasma, estabelece uma relação, uma como aproximação entre a materia viva e a materia não viva, sob o ponto de vista da fôrma crystallina das moleculas constituintes.

Movimentos curiosos do protoplasma se notam nos diversos modos de reproducção das plantas inferiores, algas, fungos, etc.; mas o protoplasma é dotado de movimentos no interior mesmo das cellulas, como adiante veremos nas correntes protoplasmicas.

Uma planta unicellular, o *closterium lunula*, em fôrma de crescente, apresenta nas duas pontas um certo numero de granulações, movendo-se rapidamente, e subindo ao longo da borda do arco concavo, estabelecendo assim um verdadeiro movimento circulatorio. O mesmo se tem observado nos pellos d'algumas plantas; e em grande numero de plantas superiores demonstra Velten a existencia da circulação protoplasmica não só nas cellulas do *cambio*, mas mesmo em cellulas já lenhefeitas, pelo que se pôde seguramente suppôr que esta circulação é um facto geral e commum a todas as plantas.

Emfim tem-se observado no protoplasma movimentos da sua massa inteira, quer girando, quer deslocando-se completamente.

No principio o protoplasma enche toda a cavidade cellular, mas em breve se formam na sua massa pequenas lacunas em resultado do crescimento desigual das suas differentes partes.

Estas lacunas, que antigamente se suppunham vazias, pelo que se lhes chamava *vacuolos*, estão cheias d'um liquido aquoso, tendo em dissolução differentes substancias, e que se denomina *succo cellular*.

O protoplasma fôrma entre estas lacunas septos de separação, que o succo cellular accumulado obriga a distender cada vez mais, até os romper, ficando d'elles apenas varios filamentos que se encruzam, atravessando a cellula e formando uma especie de rêde.

Estes filamentos terminam muitas vezes por desaparecerem tambem.

O protoplasma encontra-se então atapetando a parede interna da membrana cellular, e formando assim uma segunda membrana interna, da cellula e como tal é hoje considerada por muitos botanicos allemães, entre outros, por Hugo Mohl que lhe deu o nome de *utriculo primordial*. Este protoplasma assim disposto é inteiramente semelhante ao que enche as cellulas em quanto novas, sómente um tanto mais denso e consistente junto da sua superficie externa, que se apresenta incolor e sem granulações, recebendo por este facto o nome de *camada membranosa*.

D'este modo se encontra o protoplasma em grande numero de cellulas adultas e perfeitas. N'um estado, porém, mais atrazado do

seu desenvolvimento (e nas cellulas de algumas plantas aquaticas, e em alguns orgãos das plantas, como nos pêllos, etc., assim permanece) encontram-se esses filamentos de que ha pouco fallei, mais ou menos numerosos, atravessando em varios sentidos a cavidade cellular, e partindo de varios pontos do utriculo primordial, veem todos reunir-se no centro, onde se fórma um certo espessamento de substancia que envolve o nucleo.

Por intermédio d'estes filamentos se estabelece uma espécie de circulação entre os diferentes pontos do utriculo primordial e o nucleo central. Suppunha-se d'antes que esta circulação tinha lugar por dentro de tubos fechados, mas a diversidade de posições e situações que estas correntes successivamente apresentam, mostra que esta ideia não tem fundamento, sendo, todavia, bem evidente a maior espessura da sua camada superficial.

Envolvido, como já disse, na espessura do protoplasma, encontra-se um corpo espherico, a que Brown, que attentamente o examinou, deu o nome de *nucleo*.

Este pequeno corpo, constituído da propria substancia protoplásmica, sómente mais densa e concentrada, é ao principio central, e só quando depois, pelo desenvolvimento da cellula, o protoplasma, que primeiro a enchia, fica reduzido a membrana, é que elle se torna parietal, subindo por um dos filamentos de que fallei, arrastado talvez pelas correntes protoplasmicas.

O nucleo, porém, depois da cellula chegar ao seu estado adulto, opéra certos movimentos completamente independentes dos movimentos do protoplasma, ao longo das paredes da cellula, ou atravessando a sua cavidade, etc.

Este nucleo na cellula nova é muito maior do que depois parece ser, em virtude das maiores dimensões que a cellula toma pelo seu desenvolvimento. Com a idade o nucleo é reabsorvido.

Na espessura da sua massa distinguem-se um ou mais granulos pequenissimos, os *nucleolos*. A sua substancia, primitivamente homogenea, torna-se depois um tanto mais densa á superficie, recobrando o nucleo com uma especie de membrana.

Alguns biologistas consideram, porém, esta membrana como resultante do espessamento da camada interna do involucro formado ao nucleo pela fusão dos filamentos protoplasmicos de que ha pouco fallei.

Não pôde ainda decidir-se qual das duas opiniões terá maior fundamento, sendo todavia provavel que esta membrana seja formada ao mesmo tempo pela camada externa do nucleo e pela camada interna do seu involucro, reunidas e adherentes uma á outra.

Não está bem determinado ainda o papel physiologico do nu-

cleo na vida da cellula, papel que parece ser muito importante, como julga Schleiden, para quem elle foi objecto de sérios estudos, chegando a consideral-o como o principal orgão da actividade cellula, e o que dá origem á cellula.

Ultimamente, porém, um sabio russo, Tchistiakoff, nega não sómente a sua importancia physiologica, mas ainda a sua existencia, dizendo que os nucleos não são mais do que esferas indeterminadas de protoplasma, que se tornam visiveis sob a influencia da agua, que as obriga a precisarem os seus contornos.

Esta opinião tem sua analogia com a que hoje se segue a respeito d'um facto que se dá com a membrana cellula, e de que adiante fallaremos.

Esta membrana, que, como já disse, envolve completamente a cellula, é constituida no seu principio por uma substancia hydrocarbonada, a que Payen deu o nome de *cellulose*, e cuja formula chimica é  $C^6H^{10}O^5$ , substancia que depois soffre algumas modificações. Quando pura é diaphana, insolavel na agua, no alcool e no ether e apenas soluvel na solução d'oxydo de cobre ammoniacal, toma a cor azul pela acção successiva do iodo e do acido sulfurico. Da persistencia d'esta membrana cellulosica em todas as cellulas vegetaes, deduz-se um character importante que as faz distinguir das cellulas animaes, cuja membrana é sempre azotada.

É pouco conhecido o modo de formação da membrana, podendo, todavia, admittir-se que a cellulose é um producto de desassimilação das substancias albuminoides que constituem o protoplasma, em resultado de phenomenos de oxydação que no mesmo protoplasma têm lugar.

Sobre este assumpto derramam bastante luz as experiencias de Traube sobre as suas chamadas *cellulas inorganicas*, por elle fabricadas e que se comportam do mesmo modo que as cellulas vivas.

Para isto, depois de tirar á gelatina, pela fervura durante 36 horas, a propriedade de coagular pelo resfriamento, toma d'ella uma gota n'uma vareta de vidro, deixando-a seccar ao ar durante algum tempo, no fim do qual a mergulha n'uma solução aquosa de tannino.

Depois de algum tempo a gelatina da superficie da gota combinando-se com o tannino, fórma o tannato de gelatina, que envolve como uma membrana o resto da gota, que fica perfeitamente uma cellula.

A agua da solução entrando por endosmose, através da membrana, vem dilatar, augmentar de volume a gelatina, a qual por seu turno obriga a membrana a dilatar-se, e terminaria por rompela em virtude d'esta pressão de fóra para dentro.

Ora é isso que se não dá, e pelo contrario a membrana pôde continuar a tornar-se cada vez mais espessa, facto que não pôde explicar-se senão porque novas moleculas de tannato de gelatina se vão depondo successivamente entre as antigas.

Esta membrana, como se vê, soffre um verdadeiro crescimento por intuscepção, como acontece no protoplasma e na membrana das cellulas vivas.

A membrana da cellula inorganica constitue, portanto, um verdadeiro precipitado d'uma substancia insolavel na agua, o tannato de gelatina, pelo que Traube lhes chama *membranas precipitadas*.

Este facto nos leva a descobrir o modo de formação da membrana das cellulas vivas.

Um dos phenomenos mais importantes, uma das condições mais indispensaveis da vida do protoplasma é a oxydção, e um dos principaes productos d'essa oxydção, que se dá no protoplasma, é exactamente a cellulose, a substancia, que como vimos, fórma a membrana das cellulas vegetaes.

Podemos, pois, assemelhar a cellula mergulhada na atmosphera, á gota de gelatina na solução de tannino: assim como o tannino da solução, combinando-se com a gelatina, dá lugar á precipitação na superficie da gota, d'um corpo insolavel, o tannato de gelatina, — assim o oxygenio do ar, oxydando o protoplasma, dá lugar á precipitação na superficie da massa protoplasmica d'um corpo insolavel, a cellulose.

Uma vez formada assim a membrana, começa o seu espessamento por effeito de intuscepção, como vimos, terminando muitas vezes por adquirir um diametro e consistencia consideraveis.

Apresenta-se muitas vezes estratificada em camadas concentricas, que parecem á primeira vista resultantes de depositos successivos, mas que não são outra cousa mais do que o effeito da maior ou menor hydratação da cellulose. Esta é tanto menos densa e tem tanto menor refração, quanto maior fór a quantidade d'agua que contiver.

N'este estado de differente hydratação, a substancia das paredes cellulares não é de equal modo influenciada pela luz e d'aqui resulta a apparencia de zonas concentricas alternadamente mais escuras e mais claras.

Duas theorias pretendiam outr'ora explicar este facto por meio de depositos successivos de substancia, divergindo apenas em que uma d'ellas queria que as camadas se formassem do centro para a periphéria, de modo que a zona mais interna era a mais antiga.

Esta era a theoria centrifuga, e a outra, a centripeta, dizia que o protoplasma, depois de formada a membrana cellulosa externa,

continuava a segregar cellulose pela sua superficie externa, determinando assim o espessamento da membrana pela formação de novas camadas.

A theoria que hoje pretende explicar este facto por meio da diversa hydratação é a mais admissivel, pois que saturando completamente d'agua a membrana, as camadas desapparecem, succedendo exactamente o mesmo quando se lhe rouba completamente a agua. Isto leva a crêr que estas zonas são simplesmente o effeito d'uma illusão de optica, como já se suppoz que o fosse tambem o nucleo.

O espessamento da membrana tendo lugar, por effeito d'uma nutrição intima, por intuscepção, como já disse, esta nutrição póde perfectamente offerecer alternativas de energia e fraqueza (como se observa em muitos phenomenos vegetaes) e assim se explica a formação de camadas mais ou menos hydratadas.

Estas camadas não são contínuas, falham n'alguns pontos, deixando lacunas que apresentam a fórma de tubos, chamados *canaes porosos*.

Muito mais por diante teria de levar este estudo se quizesse aprofundar estas materias, mas o que deixo dito é mais que sufficiente para o fim que me propuz. Indiquei a organização elementar dos vegetaes, e ella me servirá de ponto de partida e introdução a estudos biologicos subsequentes.

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

## BIBLIOGRAPHIA

**Comedia Burgueza** — 3.º vol. **O Sallustio Nogueira** — *Estudo da politica contemporanea*, — por TEIXEIRA DE QUEIROZ. — Livraria editora Mattos Moreira & Cardoso. — Lisboa, 1883. — 1 vol. de 470 pag.

Este livro muito antes de vêr a luz da publicidade, já era anunciado nos jornaes como a melhor obra do snr. Teixeira de Queiroz. As *reclames* estenderam-se além da fronteira, e até uma revista franceza publicada em Hespanha, não querendo ficar indifferente ás opiniões da imprensa portugueza, copiou, e sem errar, uma das ultimamente aventadas.

Ha um velho costume entre nós quando se quer proteger um escriptor: Pede-se-lhe, ou antes, elle tem o cuidado de offerecer, se sabe que é protegido, alguns excerptos do seu trabalho aos bons dos jornalistas que julga seus protectores ou aos que o cortejam em signal de admiração e respeito.

E' por isso que, muito antes de apparecer o *Sallustio Nogueira*, já nós haviamos lido alguns trechos d'elle nos jornaes que estimam ou admiram o seu auctor. Ou o snr. Teixeira de Queiroz foi rogado e instado, para esta publicidade, ou para ella se offereceu generosamente. Fosse como fosse, nada d'isto viria para o caso se a trombeta da fama não precedesse o apparecimento do livro. Nós entendemos não dever fallar d'uma cousa por simples informações, e muito menos d'um producto intellectual por essas mesmas ou por uns fragmentos publicados aqui e acolá. Entendemos que só se póde ajuizar d'um livro lendo-se todo, tomando-se notas, prescrutando-o. Só então é que os clarins podem ser assoprados. Antes é um absurdo, uma falta de senso, porque os encarregados d'este trabalho podem achar-se de repente compromettidos. As reputações sem fundamento, aereamente feitas, tem os seus perigos.

E' claro que os simples excerptos que vimos nos não podiam satisfazer, nem tão pouco as opiniões anticipadas da imprensa; era-nos totalmente impossivel formarmos uma ideia do livro; e por isso logo que elle appareceu na *vitrine* dos livreiros o fômos abrir e lêr porque desejamos acompa-

nhar o movimento litterario e indicar ao publico, embora não tenhamos auctoridade, os productos do espirito que melhor eduquem o seu.

Vejam agora se os criticos e noticiaristas do ultimo trabalho do sr. Teixeira de Queiroz têm razão.

Dizem elles « que o viver da nossa sociedade actual, as suas ideias dominantes, os seus traços caracteristicos, acham-se condensados n'este livro e nos dois ultimos volumes da *Comedia Burgueza*. » E accrescentam « que este romance que tem por fim mostrar como um bacharel em direito chega a ministro da corôa, é o melhor por ser o ultimo ».

E'-nos completamente impossivel n'este momento fazermos a analyse dos *Noivos* e do *Grande Homem*, reservando-a para o estudo que temos entre mãos sobre os nossos romancistas naturalistas. Por emquanto limitemo-nos a uma simples bibliographia que é o que nos cumpre traçar.

Crêmos que o sr. Teixeira de Queiroz concebendo o plano da sua ultima obra, só teve em vista cobrir de ridiculo os grandes homens da politica constitucional. E' uma these simples mas que por isso mesmo tem os seus perigos na demonstração. Era necessario um bacharel pedante que em tempo fez versos e que se elevasse facilmente ás eminencias do poder, para servir d'alvo, como encarnação da indignidade e da charlatanice da nossa politica monarchica, á irrisão d'um outro partido que quer reformas e do qual o sr. Teixeira de Queiroz é um distincto membro. Ha pois n'esta ideia, a unica que acompanhou o auctor na elaboração do seu romance, o intuito demolidor simplesmente pela nota ridicula. Analysemos.

Sallustio Nogueira, personagem que já figura nos *Noivos*, mas alli descripto d'outra maneira, sem um traço que indique o futuro grande homem, era administrador em Braga, onde seduziu a filha d'um mercieiro, trazendo-a consigo para Lisboa e promettendo-lhe recebel-a por mulher. Elle diz-lhe que na capital tem quem o faça deputado. Effectivamente é eleito por Guimarães. No parlamento estreia-se com um discurso em que exalta a classe commercial, e em resposta a Agualonga, deputado da opposição. E' muito applaudido e o seu nome começa a fazer echo no mundo politico e litterario. Anda empavonado e como louco com a sua nova posição, sonhando sempre com a pasta de ministro, dizendo que o será, sem que veja ainda probabilidade, e ambicionando casamento com Palmira de Freitas, filha d'um negociante de trigos, que dizem possuir a fortuna de duzentos contos.

Frequentando os salões aristocraticos, recebendo convites, e adquirindo relações importantes, enche-se de vaidade e exulta.

Succede, porém, que a amante vendo-se sem esperanças de que Sallustio cumpra com a sua palavra, tenta suicidar-se, lançando-se uma noite no Tejo. E' tirada das ondas, e conduzida ao hospital onde morre passados dias. Este incidente é d'uma falsidade tal que nos parece estar lendo a pura obra d'um phantasista.

O acaso do encontro n'essa noite da rapariga com o caixeiro de seu pai, os episodios que se deram na Praça de D. Luiz em que figuram uns ebrios, os momentos de covardia, de coragem, de indecisão da allucinada até que se lança no rio, será tudo admiravelmente pensado mas nada real. O sr. Teixeira de Queiroz descrevendo esta scena que deveria sobresahir a todas as outras porque estava no seu campo, parece que preferiu deixar-se arrastar pelas influencias do romantismo decadente. Queremos fazer-lhe a justiça de que os maiores phantasistas não as descreveriam melhor.

Mas a verdade é esta: O romancista pela sua posição especial, devia ser aqui inexcedivel porque se tratava d'um caso pathologico. Tinha restricta obrigação de nos mostrar a perfeita alliança da sciencia com a arte.

Todavia nós sabemos explicar. O snr. de Queiroz é medico mas rico ; não necessita da clinica e por isso não sente, não comprehende ou não conhece praticamente os phenomenos psychologicos. E' um medico que sahio dos hospitaes onde assistiu á autopsia dos cadaveres, onde estudou o morto, mas não auscultou o vivo. Vive n'um outro meio, é feliz, apenas um medico theorico, de luxo, e por isso desconhece as chagas sociaes. Não estando em contacto com os que soffrem, como descrever-lhes as angustias, as amarguras, as dôres intimas ou as doenças do espirito ?

Alguns dias depois da morte de Angelina ha uma crise ministerial, e Sallustio Nogueira é encarregado da pasta da marinha.

Eis aqui a acção. E' simples como se vê mas o principal ponto a que o auctor queria chegar, é o da elevação de Sallustio. De resto umas intrigas entre politicos, uns mexericos d'alcova, mordeduras da carne em presença de bellos seios nús, palpitantes, a estafada these do adulterio.

O Sallustio Nogueira é eleito deputado por influencias d'uma dama ; profer discursos bombasticos nas camaras e no theatro, na occasião do beneficio das victimas do fogo, mas a verdade é que se alguém fizesse ouvir d'este modo a sua voz, pedindo até um dictionario em pleno parlamento e não sabendo dizer se uma palavra era classica, admirando-se como um idiota, quando lh'a trouxeram para a discussão, nunca seria chamado a governar o paiz. Pelo menos não nos consta um caso semelhante. Achamos em tudo este Sallustio uma entidade impossivel no nosso meio, bem como as scenas em que elle figura. O estado da nossa politica é deploravel, mas não nos parece que o romancista apresentando-nos um ministro por simples influencia feminina, nos tenha dado a pintura verdadeira, a nota frisante d'esse estado decadente. Seria absurdo pensar que não existem outros meios mais vergonhosos ainda envolvidos na mesma engrenagem desmoralisadora, pelos quaes o Sallustio Nogueira se elevasse, se não fosse, comprehendendo-se, um bacharel tão ridiculo.

O snr. Camillo Castello Branco que não é considerado como naturalista, e o snr. Julio Lourenço Pinto, apresentam-nos, aquelle na *Quêda d'um Anjo*, e este no *Senhor Deputado*, quadros mais verdadeiros da nossa politica contemporanea.

O snr. Teixeira de Queiroz ficou muito áquem d'estes romancistas. A sua obra nem emociona nem deixa vêr todos os ridiculos dos nossos homens politicos. O dialogo não tem animação, e a fórma é pobre, falta-lhe o colorido, o vigor em certas scenas, o sentimento e acção dramatica. A sua leitura faz-nos lembrar o *ram-ram* d'uma azenha ou d'uma nora, tal é a sua monotonia. Mas isto talvez se possa explicar pelo character e temperamento do auctor que abre os seus livros com as seguintes palavras de Balzac na *Modeste Mignon*: « La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie, au gré de notre caractère ».

Por estas palavras do mestre que o snr. Teixeira de Queiroz bem comprehendeu, e que são verdadeiras, applicando-as tambem a si, se vê que elle é incapaz, pela natureza do seu temperamento pouco impressionavel, de produzir uma obra d'arte de elevação, uma obra d'arte que emocione, uma nota que vibre.

Os ultimos romances do snr. Eça de Queiroz, não têm these, mas tem faiscas de genio; têm um modo de dizer fluente, uma côr brilhante, e revelam o poder d'uma organisação artistica. O snr. Eça tem talento, e o snr. Teixeira habilidade e a paciencia d'um individuo que nada tem que fazer e que vive dos seus rendimentos. Escreve romances para se occupar

n'alguma cousa; teve muito tempo para observar e ainda assim observa mal ou capricha em exagerar as cousas.

Eça de Queiroz não carece de observar tanto, não precisa apalpar, estender o individuo ou a sociedade na mesa d'autopsia, mas tem essa poderosa intuição do artista eminente.

O Sallustio Nogueira não é um typo que sobresáia na tela, não está definido; porque umas vezes afigura-se-nos um doído, um vaidoso, outras um sujeito que pensa philosophicamente em harmonia com a desmoralisação da politica portugueza e como o vulgar dos homens praticos e cynicos. Levanta-se e cae ao mesmo tempo, digna e indignamente, mas sem essa lucta travada entre o homem e o seu meio, o que fórma a grande acção dramatica do romance moderno. No prologo do romance *Os Noivos* o snr. Teixeira de Queiroz indica esta grande verdade de que o meio actua sobre o individuo e que este reage d'um certo modo até que se deixa vencer por ser mais fraco. Esta verdade scientifica que devia sempre ter em vista, desaparece no seu ultimo livro. Sallustio não é um saltimbanco politico, nem um representante do povo como ha muitos; não é um insensato, um pedante, um cretino, nem um sujeito de bom senso; é apenas uma criação audaciosa do auctor. Parecem-nos aqui bem cabidas as seguintes palavras de Zola nos seus *Documents Littéraires*: « Dans le mouvement naturaliste qui s'opère, on prend trop souvent l'audace pour la vérité ».

Os personagens secundarios como o general Gonçalo, ministro da guerra, marido de Josepha de Lencastre, que falla a linguagem das casernas, e homem não muito brioso que se suicida no jardim com um tiro de revolver emquanto a mulher que foi a causa d'isto, pela sua infidelidade conjugal, dorme o bello somno da manhã, o Evaristo de Mello, o Carlos de Mendonça, uns exaltados, uns ambiciosos, o marquez do Tornal, um prudente, o conde de Frazuella, o antigo caixeiro do pai d'Angelina, cujo nome o auctor confunde algumas vezes, a professora de piano, o aguadeiro, a viscondessa d'Agua Sautas, a Gomes, o barão do Cerdeiral, a condessa de Frazuella, o Lioncio de Freitas, e muitos outros, que ficam indecisos no meio das descripções e dos incidentes, pouco têm de verdadeiros.

A scena do conselho de ministros na occasião da crise, em que estes se insultam uns aos outros, é realmente de quem só quer phantasiar. O snr. Queiroz decerto nunca poude observar uma d'essas situações pelo seu alistamento nas fileiras avançadas, crêmol-o piamente. E se algum dia o conseguiu, então permitta-nos que lhe digamos que desejou apenas provocar o riso dos seus leitores, com a *verve* do seu espirito.

Se os romanticos são já insupportaveis, não o são menos os pseudo-naturalistas ou os que escrevem como o snr. T. de Queiroz.

Com muita rasão diz o snr. Sylvio Romero, illustre escriptor brasileiro no seu folheto *O Naturalismo em Litteratura*: « O romancista e o dramatis-ta devem observar, não para formular theses ou sentenças condemnatorias, sinão para comprehender o jogo das paixões, como psychologos e physiologistas. Seu papel não é o dos moralistas impertinentes nem o dos anatomistas descriptivos. Seu papel é levantar uma obra d'arte sobre dados da observação. Como o esculptor devem partir da natureza, mas em suas obras ha de palpitar um largo ideal civilizador. O progresso, as nobres expansões das qualidades humanas, devem ser o seu alvo. A litteratura faz pelo sentimento o que a sciencia faz pela rasão: liberta o homem e estimula-o a sonhar e trabalhar para um estado melhor; uma maior confiança em nossos designios, em nossas faculdades, em nosso futuro ».

O snr. T. de Queiroz não comprehendeu ainda por falta de talento ou

de intuição, como deve ser elaborada a moderna obra d'arte, e qual o destino da litteratura; e como tenha os seus preconceitos republicanos, só concebe por isso ideias mais ou menos demolidoras, sem se alargar, porque não tem uma comprehensão perfeita das cousas.

O artista que só deve ter o credo da arte, para ser grande ha de vêr a maior distancia, indo buscar a qualquer canto da natureza o assumpto eterno que pretende estudar.

As descripções no *Sallustio Nogueira* são pallidas, o desenvolvimento da acção corre com a monotonia que já indicamos, sem lances que emocionem, com aquella tonalidade que enfada, ôca, dos escriptores apathicos.

O livro tem 470 paginas, e francamente, só encontramos algumas que foram decerto escriptas sob o dominio d'uma impressão real. São as da descripção do spectaculo na *Trindade* iniciado pela condessa de Frazuella e protegido pela rainha, em beneficio das victimas do fogo. Representa-se a comedia *Le bijou de la reine*, em que D. Josepha de Lencastre desempenha o papel de Luiza de Saboia, e o barão do Cerdeiral, que a namora, de Philippe d'Anjou.

Estas paginas do *Sallustio Nogueira*, são d'uma realidade captivante. O general Gonçalo ardendo em ciumes por vêr o barão de posse de sua mulher em scena, abraçando-a e beijando-a, com applausos ruidosos dos espectadores aristocraticos, e até do rei e da rainha, os ditinhos agudos da *boa sociedade*, os commentarios do folhetinista e das más linguas, é tudo d'uma observação rigorosa. Isto explica-se porque o romancista vive na sociedade elegante, n'esse meio artificial em que todos os dias se re-produzem d'estas scenas.

Teriamos ainda muito que analysar se nos não fosse escasseando o espaço que nos é permittido occupar n'esta revista.

Todavia torna-se necessario dizermos que durante a leitura d'este livro da primeira á ultima pagina, devemos conservar sempre o lapis na mão se quizermos notar todos os defeitos, os exageros e falsidades, que nos saltam á vista como bolinhas de sabão. Cabiriamos decerto tambem na banalidade se nos preoccupassemos com as que se notam em muitissimas paginas.

Ora pois, se em vista do que deixamos apontado, o snr. Teixeira de Queiroz teve em mente dar-nos uma perfeita obra d'arte, visto que «*se acha na plena posse do seu processo artistico*» como dizem os seus entendidos criticos, é claro que ainda d'esta vez o não conseguuiu. Apesar de ser a sua ultima obra ella é a peor de todas. O primeiro volume da *Comedia do Campo* escripto naturalmente sob as impressões d'um outro meio, tem quadros de pura realidade. Quer isto dizer que viu as cousas pelo seu verdadeiro prisma. Muito inferiores estes contos aos do snr. José Augusto Vieira, intitulados *Phototypias do Minho*, que são um primor do genero pelo pittoresco das descripções, têm comtudo uma côr local, o sentimento real, e não falso das cousas, como no *Sallustio Nogueira*. Se a obra d'arte «*é um canto da natureza visto através d'um temperamento*» como diz Zola, declaramos não comprehender o do snr. T. de Queiroz, que encara os mesmos acontecimentos de diversos modos.

Tambem, se elle teve só em vista demolir pelo ridiculo, esta sua obra sem estudo, e apenas possuindo algumas paginas verdadeiras, mas d'ordem secundaria, não póde produzir o effeito desejado porque se não funda na verdade observada, sendo portanto falso que ella caracterise o viver da nossa sociedade actual.

Como é possivel satisfazer a um espirito que duvida da existencia de certos personagens, que os não viu nunca, que nunca lhes poude tocar?

Terminando confessaremos que estamos plenamente d'accordo em que o illustre romancista esteja *na plena posse do seu processo artistico*; mas cumpre-nos tambem dizer aos que muito o acatam que se livrem de o imitar.

REIS DAMASO.

**Introdução á historia da litteratura brasileira**, por SYLVIO ROMÉRO.  
— Primeiro volume — Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1882. — 254 pag. in-4.º

O movimento litterario do Brazil tem sido quasi desconhecido entre nós, apesar das ligações de sangue, da communidade de lingua, de tradições e de historia, e das relações mutuas e permanentes que existem entre os dois povos, separados ha pouco mais de sessenta annos pela ambição criminosa de um Bragança. A independencia realisada, não a favor de um povo, como a dos Estados-Unidos, mas em beneficio de uma dynastia, originou uma serie de odios e de rivalidades, que se traduzem, de uma parte, nas perseguições e no desprezo de que é victima o pobre emigrado *marinheiro* ou *pé de chumbo*, que vai ao Brazil morrer miseravelmente ou adquirir uma fortuna, e de outra parte, no desdém com que os portuguezes fallam das cousas e dos homens do imperio brasileiro, a que de ordinario não ligam importancia. Esta profunda separação moral entre os dois povos tem sido a causa principal da nossa ignorancia ácerca dos progressos materiaes e intellectuaes do Brazil. Felizmente as gerações novas chegaram já á comprehensão de que era apaixonado e injusto esse odio que dividiu os seus maiores e hoje começam a olhar-se como irmãos, a estimar-se pelo que realmente valem, e a auxiliar-se nos seus esforços communs em prol da civilisação. O tricentenario de Camões atou fortemente estes laços de amizade entre os litteratos, os pensadores e os artistas de Portugal e Brazil.

Folgamos de poder constatar esta aproximação ao occuparmo-nos de uma das maiores glorias litterarias do Brazil contemporaneo, o snr. Sylvio Roméro, a proposito da sua notavel *Introdução á historia da litteratura brasileira*, cujo primeiro volume temos presente.

Sylvio Roméro, professor no *Collegio de Pedro II* no Rio de Janeiro, distingue-se entre os escriptores brasileiros pela firmeza do seu caracter e pela independencia com que expõe as suas convicções e ideias; é ao mesmo tempo poeta e historiador, philosopho e critico, desenvolvendo uma actividade incansavel e mostrando sempre uma grande cópia de conhecimentos. Comparam-o a Theophilo Braga e crêmos que não é sem razão, porquanto o illustre escriptor brasileiro tem adquirido na sua patria tantas inimidades, quantas entre nós outr'ora adquiriu o distincto professor do Curso Superior de Lettras; a inveja e a malquerença assaltam sempre o verdadeiro merito.

Desde 1880 que apreciamos o talento elevado de Sylvio Roméro. O nosso querido e saudoso amigo Hugo Leal, essa organização delicada de poeta, que as lettras brasileiras tão prematuramente perderam, fallou-nos um dia com enthusiasmo do seu notavel compatriota e emprestou-nos um bello livro de critica que acabava de vêr a luz — *A litteratura brasileira e a critica moderna*, onde Sylvio Roméro revela de um modo brilhante os altos dotes do seu espirito. Não concordámos com algumas das opiniões do

arrojado critico, mas admirámos a independencia com que expõe as suas doutrinas e formúla as suas apreciações e ideias, sem se deixar impressionar por considerações ou por conveniencias de qualquer ordem.

O trabalho, que temos na nossa frente e que devemos á amabilidade do auctor, veio confirmar a grande conta em que já tínhamos o distincto litterato. Na *Introdução á historia da litteratura brasileira*, propõe-se o sr. Sylvio Roméro a « encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do genio, do espirito, do caracter do povo brasileiro » (pag. 8), porque para elle, como para todos os escriptores modernos, a historia litteraria é um ramo da sciencia social e os phenomenos litterarios prendem-se intimamente aos phenomenos sociologicos e á evolução geral da humanidade. Por isso escreve: « O conhecimento que se busca, ao surprehender os actos mais intimos de um escriptor, deve sempre visar uma maior comprehensão de sua individualidade e das relações d'esta com o seu paiz e das d'este com a humanidade. » (pag. 8) E' este o ponto de vista moderno. Para realizar o seu pensamento, « é antes de tudo mister, como muito bem diz o auctor, mostrar as relações da nossa vida intellectual com a historia politica, social e economica da nação: será preciso deixar vêr como o descobridor, o colonizador, o implantador da nova ordem de cousas, o portuguez em summa, foi-se transformando ao contacto do indio, do negro, da natureza americana e como ajudado por tudo isso e pelo concurso de ideias estrangeiras, se foi aparelhando o brasileiro, tal qual elle é desde já e ainda mais caracteristico se tornará no futuro ». (pag. 8) N'estas palavras encerra-se todo o plano da obra, cuja concepção nos indica que o illustre escriptor brasileiro está a par dos progressos scientificos contemporaneos. « Pretendemos, diz elle (pag. 10), escrever uma introdução *naturalista* á historia da litteratura brasileira. Munidos do criterio popular e ethnico para explicar o nosso caracter nacional, não esqueceremos o criterio positivo e evolucionista da nova philosophia social quando tratarmos de notar as relações do Brazil com a humanidade em geral ». Mais adiante acrescenta: « Esta rapida *Introdução* contém duas partes bem distinctas: nos seis primeiros capitulos indicam-se os elementos de uma historia natural de nossas letras; estudam-se as condições do nosso *determinismo* litterario, as applicações da geologia e da biologia ás letras. Nos demais capitulos faremos a traços largos o resumo historico das quatro grandes phases da nossa litteratura: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1822); *periodo de transformação romantica* (1822-1870); e *periodo de reacção positiva* (de 1870 em diante) » (pag. 10).

Como se vê o sr. Sylvio Roméro, adoptando os novos processos historicos, divide o seu trabalho em duas partes, a que podemos chamar, servindo-nos da technologia positivista, parte estatica e parte dinamica, estabelecendo primeiro os elementos constitutivos da nacionalidade e as condições mesologicas para em seguida esboçar o desenvolvimento e descrever a marcha da evolução intellectual. E' este o verdadeiro methodo sociologico. O sr. Sylvio Roméro não é, porém, positivista, embora se aproxime muito do ponto de vista philosophico iniciado por Comte e seguido por Littré, por Robin, por Wyrouboff, em França, e propagado em Portugal por Theophilo Braga e no Brazil por Pereira Barreto. Com razão condemna a orthodoxia laffittista, que desconhece completamente os notaveis progressos effectuados por todas as sciencias depois da morte de Comte, e combate a influencia exagerada do *francezismo* na litteratura brasileira, mas infelizmente deixa-se impressionar em demasia pelo *germanismo* e confunde a concepção positivista com o culto da Humanidade ou do Ente Supremo. O entusiasmo pelo *germanismo* tanto pôde ser causa de ideias erroneas, quanto o tem sido o abuso do *romanismo* ou do *francezismo*, ou como o pôde vir a ser o do *sla-*

vismo ultimamente em moda. A verdade não é propriedade de qualquer seita ou escola philosophica, não pertence aos sabios de qualquer nacionalidade ou raça. A sciencia é cosmopolita; acetimol-a d'onde ella nos venha, quer da França ou da Allemanha, quer da Russia ou da Italia. O criterio do homem de sciencia deve collocar-se acima de todos os preconceitos partidarios ou nacionaes. É o que nos ensina a philosophia positiva. Ora, o positivismo seria erradamente considerado uma escola philosophica ou uma seita religiosa, e ainda menos um producto exclusivo da mentalidade franceza; é mais do que isso, como concepção geral do universo, destinada a substituir as velhas concepções theologicas e as transitorias concepções metaphysicas, e formada sobre as leis naturaes achadas indistinctamente pelos sabios de todos os paizes. Esta conclusão será aceite pelo snr. Sylvio Roméro, desde que aprecie a profunda differença que separa a philosophia positiva do positivismo cultural dos laffittistas.

O livro abre por uns *preliminares*, onde o auctor se occupa dos trabalhos de escriptores brasileiros e estrangeiros sobre a litteratura nacional, avaliando principalmente a obra de Ferdinand Wolf *Le Brésil littéraire* que condemna como « um producto artificial e diplomatico ». Todas as outras obras, portuguezas, brasileiras ou estrangeiras, são em extremo deficientes ou simples monographias, sem o valor de um trabalho geral e completo, tanto quanto possível, como o emprehendido pelo snr. Sylvio Roméro. Depois de traçar o plano da sua *Introdução á historia da litteratura brasileira*, plano a que já nos referimos, enceta o auctor a parte estatica, guiado pelo methodo historico de Buckle, de Taine e de Gervinus. « O povo brasileiro é um grupo ethnico estreme, caracteristico, ou é apenas uma formação historica? » Este primeiro problema posto pelo illustre escriptor tem em resposta uma dupla negação. « Não é um grupo ethnico definitivo; porque é um resultado, pouco determinado, de tres raças diversas, que ainda acampam separadas ao lado uma da outra. Não é uma formação historica, uma raça sociologica, repetindo a palavra de Laffitte, porque ainda não temos uma feição caracteristica e original. Temos, porém, os elementos indispensaveis para tomarmos uma face ethnica e uma maior cohesão historica ». (pag. 14) Vejamos quaes são esses elementos. « A raça aryana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, escreve o snr. Roméro, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e creoula, distincta da europêa. A introdução do elemento negro, não existente na mór parte das republicas hespanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos d'estas de um modo bem positivo. As condições especiaes da nossa geographia vem tambem em nosso auxilio. Não é tudo; uma circumstancia, por assim dizer, pre-historica e de que se não tem medido todo o alcance, apparece para auxiliar a caracteristica do povo brasileiro. A familia indigena, que occupava esta porção da America, não se confundiu com qualquer outra. Os *brazilio-guarany*s povoaram justamente esta parte do continente, onde se vieram estabelecer o negro e o portuguez ». (pag. 15) Temos assim tres elementos; no fundo, o povo indigena, o *guarany*, talvez autoctone e pelo menos pre-historico; a este sobrepoz-se o branco invasor, — conquistador ou emigrante, na sua maioria portuguez, o qual alli introduziu o negro, nas condições miseraveis de inferioridade, de escravidão. Do cruzamento d'estas tres raças nasceu o creoulo ou o mestiço, que fórma hoje aproximadamente metade da população e que ha de vir de certo a predominar, tomando no fim de algumas gerações a côr e a fórma superior do branco, como observa o snr. Sylvio Roméro fundando-se na lei da selecção natural.

« Estes factos, escreve o auctor, ficariam sem vigor para a historia litteraria, se a par do cruzamento physico, não se dêsse tambem o das ideias. A união n'este sólo de povos em tão variados estadios da intelligencia in-

fluiu na psychologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro de fetichismo, phase primordial da idade theologica, segundo Augusto Comte, a quem sigo n'este ponto. Os indios achavam-se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista. Os portuguezes eram monotheistas, ultimo momento do theologismo; mas tinham grandes residuos da época anterior: o polytheismo.» (pag. 18) Podia mesmo acrescentar que estes ultimos conservavam tambem innumerous restos de fetichismo, principalmente os immigrants naturaes do norte de Portugal, onde por ora estão vivas ainda bastantes superstições animistas. Nasce d'ahi, segundo o auctor, «uma grande confusão no todo das crenças e tradições brasileiras, que encerram dados contradictorios de todas as phases do pensamento», e tambem «o estado fragmentario da nossa litteratura popular.» (pag. 18).

Não podemos acompanhar o snr. Sylvio Roméro, na exposição minuciosa e no estudo circumstanciado que faz das condições do meio, da physiologia do brasileiro, das raças que contribuíram para a appareição do mestiço como producto novo, das relações economicas e das instituições politicas e sociaes da colonia e do imperio, das tradições populares, cantos e contos anonymos, das alterações soffridas pela lingua portugueza, e emfim da psychologia brasileira. O auctor mostra-se sempre a par da sciencia moderna e prova a sua aptidão para esta ordem de trabalhos intellectuaes. A influencia do meio é bem evidente. Com razão escreve elle: «A acção do clima tem contribuido para a nossa integração nacional; na litteratura ella tem ajudado a effusão sentimental do nosso lyrismo, mais doce, suave e ardente do que o lyrismo portuguez.» (pag. 27). Assim como se manifesta na litteratura, tambem essa influencia se exerce sobre os elementos physiologicos. Lamarck notou a profunda acção das condições mesologicas na transformação das especies animaes. O homem não está ao abrigo de semelhante acção, que influiu poderosamente para a formação do mestiço. Diz Sylvio Roméro: «O mestiço é o producto physiologico, ethnico e historico do Brazil. E a fórmula nova de nossa differenciação nacional. Nossa psychologia popular é um producto d'esse estado inicial.» E acrescenta como protesto: «Não quer dizer que formaremos uma *nação de mulatos*; pois que a fórmula branca prevalecerá; quer dizer apenas que o europeu alliou-se aqui a outras raças, e d'esta união sahio o genuino brasileiro, aquelle que não se confundeu mais com o portuguez e sobre quem repousa o nosso futuro.» (pag. 45) As relações economicas influem igualmente sobre a litteratura; como nota o auctor, ás escolas bahiana (seculo xvii), mineira (seculo xviii) e fluminense (seculo xix) correspondem os momentos economicos do assucar, do ouro e do café. Actualmente caminha-se para uma enorme crise; e este movimento reflecte-se na escola revolucionaria, ou «grande abalo nacional, que ahi vem marulhoso de todos os cantos, do Pará como do Rio Grande do Sul, torrente ainda mal definida, hasteando todas as bandeiras, mas tendo um só alvo: a mutação social!» (pag. 47).

Passemos á parte dinamica da obra do snr. Sylvio Roméro. Estudando o movimento litterario da primeira época ou periodo de formação (1500-1750) apresenta como o vulto mais antigo da historia litteraria do Brazil o padre José de Anchieta, «um insular, um quasi indigena das Canarias, um apaixonado, um hysteric, que se abrazilizou,» (pag. 98) mas que é mais um homem de acção, do que um litterato: escreveu comtudo grammaticas, lexições, autos, comedias e hymnos para catechisar os *brazis*. Bento Teixeira Pinto, que viveu em Pernambuco na segunda metade de seculo xvi, é depois d'elle o mais antigo poeta brasileiro, o auctor da *Prosopopéa*. Mas a evolução intellectual do Brazil accentua-se principalmente no seculo xvii com a escola bahiana; trava-se então a primeira lucta entre as duas forças anta-

gonicas, o genio portuguez e o genio brasileiro, representados no padre Antonio Vieira e no poeta Gregorio de Mattos; e surgem os chronistas Vicente do Salvador, Manoel de Moraes, Diogo Gomes Carneiro, Frei Christovão da Madre de Deus Luz, os prégadores Eusebio de Mattos, e Antonio de Sá, os poetas Gregorio de Mattos e Manoel Botelho de Oliveira. « Todo o movimento litterario do Brazil no seculo xvii deve girar em torno do nome de *Gregorio de Mattos*, como o do seculo anterior deve circular em torno de José de Anchieta. » (pag. 117) Era um poeta lyrico dotado de espontaneidade, embora um pouco viciado pelo *culteranismo* em voga, mas a sua feição predominante era a corda satyrica. O movimento litterario d'este seculo prolonga-se á primeira metade do seculo xviii com Frei Itaparica e outros poetas mais ou menos medioeres. « O *nativismo*, n'este tempo, escreve Roméro, ainda é bastante exterior; os poetas não conhecem bem as lendas, as tradições, o sentir, a vida íntima do povo; não são o reflexo da psychologia das massas. O nacionalismo tem então dous elementos capitaes: um pouco do indio e um pouco da natureza. » (pag. 138) O principal vulto d'esta época é o judeu Antonio José da Silva, que figura vantajosamente na litteratura portugueza do seculo passado e cujas obras dramaticas já foram apreciadas por Theophilo Braga. A grande influencia que elle exerceu sobre as plateias attribue-a o snr. Sylvio Roméro ao caracter brasileiro de Antonio José. « O lyrismo, diz elle, era a face mais brilhante do genio do poeta e foi por essa pronunciada tendência que elle comprehendeu a poesia do povo, que elle agradou ás plateias, e teve esses longes de vaga melancolia mesmo no meio das mais ruidosas scenas das farças. » (pag. 142).

A segunda época ou periodo de desenvolvimento autonomico (1750-1822) é caracterizada pela escola mineira, « mais opulenta e significativa do que a escola bahiana. » Como poetas épicos distinguem-se José Basilio da Gama com o seu *Uruguay* e José de Santa Rita Durão com o seu *Caramarú*. São os dois unicos poemas que se salvam entre os innumerados productos d'aquelle genero. « O que os protege, diz o snr. Sylvio Roméro, é o seu tempo; appareceram a proposito; nem muito cedo nem muito tarde. Não era mais nos primeiros tempos da conquista quando ainda não tinhamos uma historia; não era tambem nos tempos recentes, em meio da nossa vida mercantil e prosaica. Era no seculo passado quando a colonia sentia já a sua força, sem as suas desillusões. » (pag. 168) O *Uruguay* ataca o jesuita e levanta o indigena em face do conquistador europeu. O *Caramarú* é, porém, superior, é um poema mais brasileiro « pela apreciação do problema ethnico, pela comprehensão do elemento historico e pelo justo equilibrio concedido ao colono portuguez entre os caboclos; » o elemento negro não é esquecido. (pag. 174) Na poesia comico-satyrica notam-se as *Cartas Chilenas*, mais pelo seu valor historico, do que como obra de arte. Ha duvidas sobre o seu auctor; Sylvio Roméro attribue-as a Alvarenga Peixoto. As *Cartas Chilenas* prendem-se á *Inconfidencia* ou *conjuracão mineira* que levou á forca o celebre *Tira-Dentes* e ao degredo alguns dos espiritos mais distinctos da época, entre elles o auctor provavel d'esse pamphlet heroico-comico. A poesia lyrica é a feição mais bella da escola mineira. Como diz Sylvio Roméro « foi uma antecipação do romantismo, tomado este no sentido lato da poesia verdadeira e brilhante. » (pag. 202) Vejam-se os madrigaes de Silva Alvarenga, as lyras de Gonzaga ou os sonetos de Claudio Manoel da Costa. Este ultimo, um dos revolucionarios da *Inconfidencia*, assassinado na prisão, é poeta melancolico e doce; no seu subjectivismo lyrico, « tem mais verdade e naturalidade do que Bocage » affirma o snr. Sylvio Roméro. (pag. 210) Thomaz Antonio Gonzaga suave e verdadeiro é « a mais completa incarnação do lyrismo amoroso no Brazil » (pag. 231). Foi tambem inconfidente. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, igualmente conjurado, era um mes-

tiço; como poeta foi no seu tempo « o mais delicioso pelo mimo da fôrma, pela suavidade da expressão; » (pag. 232) nos seus versos « transpira a doçura, a tranquillidade, o encieio da sensualidade meridional. » (pag. 236) Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o auctor provavel das *Cartas Chilenas*, como poeta lyrico era dotado de uma imaginação vigorosa; as suas poesias têm grandes bellezas. Entre os poetas secundarios ha um digno de menção especial — Domingos Caldas Barbosa, um mestiço improvisador de *modinhas*, nas quaes se revelava « amavel, alegre, expansivo, divertido. » (pag. 243) As suas *cantigas* cahiram no dominio do povo que as repete de bocca em bocca, as transmite de geração em geração, truncando-as, ampliando-as, modulando-as a seu sabor. Não era um poeta de genio, mas sim um poeta popular que improvisava á moda das classes plebéas.

Termina no lyrismo mineiro o primeiro volume da *Introdução*. No segundo trará o auctor a evolução litteraria do Brazil até nossos dias. Esperamos com anciedade a conclusão d'este bello trabalho, porque o interesse n'estes estudos augmenta á proporção que nos approximamos da época contemporanea.

« Este livro, escreve o snr. Sylvio Roméro, não quero que seja uma chronica recheada de factos anecdoticos; quero que seja um protesto de alarma de são *brazileirismo*, um brado de enthusiasmo para um futuro melhor. Todo o escriptor nacional na hora presente está carregado do imperioso dever de dizer toda a verdade a nosso povo, ainda que pelo rigor tenha de desagradar geralmente. » (pag. 53) Conseguiria o auctor o seu desejo? será este livro, de facto, um protesto, um esforço para tirar o Brazil do marasmo apparente em que o lançou a dynastia de Bragança? A nossa resposta não pôde deixar de ser affirmativa.

TRIXEIRA BASTOS.

